

KOSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. 20\$000 EXTERIOR. 25\$000
NUMERO AVULSO 2\$000 — ATRAZADO 3\$000

Redacção e Officinas
RUA DA ASSEMBLÉA, 62
RIO DE JANEIRO

ANNO IV

ABRIL 1907

N. 4

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

Chronica

...das cervejas envenenadas que não continham veneno?

Não! O assumpto não diz com a indole de *Kosmos*... Prefiro tratar da primeira viagem que a famosa *Agencia Cook* está organisando para o Brasil.

Cook, — o homem que realmente corporificou a lenda do Judeu Errante, — morreu em 1897, com sessenta e cinco annos de idade. Seria talvez mais justo dizer com sessenta e cinco annos de... viagem; porque, emfim, a vida desse homem extraordinario nada mais foi do que uma longa e continua jornada. Dizem que, durante toda a existencia, percorreu aproximadamente oitenta mil kilometros por anno. Já foi andar!

Cook morreu, mas a sua celebre *Agencia* está viva. Não ha capital da Europa que não tenha uma succursal dessa empresa de

viagens, com o nome de *Cook* em collosaes lettras de ouro na fachada, tentando e seduzindo os que gostam de viajar com commodidade e economia. De todas essas succursaes partem, em todas as estações do anno, immensas caravanas de peregrinos que percorrem o mundo inteiro, — indo admirar a formidavel agitação de Londres, de Paris e New-York, os museus da Italia, as pyramides do Egypto, as nascentes do Nilo, as minas do Transvaal, a solidão dos desertos da Arabia, as florestas da Nova Zelandia, as ruinas da velha Grecia, os valles poeticos da Judeia, a cascata do Niagara, o penacho de fumo do Vesuvio, as aguas do Bosphoro, os minaretes das mesquitas orientaes, os kiosques da China, os templos do Japão, as estepes geladas da Russia, as margens selvagens do Ganges, — todas as bellas, todas as maravilhas, todas as singularidades famosas da terra.

Esses viajantes da *Agencia Cook*, que se divertem e passeiam com as horas contadas, submettendo-se a horarios implacaveis, sujeitando-se á tyrannia dura dos guias e dos cicerones, que os conduzem

como automatós, não lhes dando uma hora de repouso, — teem sido sempre troçados pelo humor de todos os chronistas alegres. Ha realmente um aspecto comico em cada uma dessas levas de creaturas de sexos, idades e nacionalidades differentes, atravessando o mundo numa communhão de curiosidade e interesse, regulando o seu prazer pela vontade e pelo relógio do "cornaca" que os dirige, não se separando com medo da dispersão, como um rebanho tímido que não ousa affastar-se do pegu-reiro, — e dormindo, comendo e divertindo-se de sucia...

E' na Italia, durante o verão, que mais perfeitamente se póde estudar o mecanismo dessas caravanas de homens-bonecos, que não confiam nunca no que lhe dizem o proprio olhar e o proprio espirito, mas unicamente no que lhes diz o guia. Em grupos cerrados, num passo calculado e certo, em marcha militar, os *touristes* da *Agencia Cook* atravessam as salas dos museus, inseparaveis, mudos, impenetraveis, graves, sem uma contracção na face, parando quando o guia pára, continuando a andar quando o guia prosegue. Parece que estão cumprindo um dever, uma obrigação, uma pena, uma penitencia...

E' uma escravidão, é um captiveiro voluntario. Nenhum dos "agenciados" da *Cook* póde, de motu-proprio, descançar em tal ou qual cidade das que estão inscriptas no itinerario, para satisfazer um capricho, ou para curar uma doença, ou para dar ás pernas um pouco de repouso, ou para saciar um desejo de amor... Quem pára, perde a viagem, — porque os outros não podem esperar: a *Agencia* comprometteu-se a mostrar-lhes tantas mil leguas em tantos mezes, tantos dias, tantas horas e tantos minutos, — e não lhes concede um só dia de quebra como não lhes poupa uma só das leguas promettidas. Não é uma viagem: é um fadario; não é um passeio: é uma lida!

Mas, enfim, nem todos viajam e divertem-se como querem, e cada um viaja e diverte-se como póde. Quem não é rico tem de se resignar a destrahir-se com pouco

dinheiro: e isso explica a espantosa e sempre renovada freguezia da *Agencia Cook*. Quando acaba um desses giros economicos pelo mundo, cada um dos *touristes* tem ao menos o consolo de poder dizer que fartou os olhos na contemplação de quasi todo o planeta, e o consolo ainda maior de poder espantar os sedentarios com a narração das cousas vistas... ou inventadas, porque, enfim, nem todos podem verificar a exactidão do que contam os viajantes: *a beau mentir que vient de loin...*

Não trocemos os freguezes da *Agencia Cook!* São elles os melhores agentes de propaganda com que podem contar os paizes novos e desconhecidos. Quando chegam a um porto qualquer, correm logo, apenas desembarcam, a saquar e esvasiar as lojas em que se vendem cartões postaes illustrados. Esses rectangulos em que a photographia fixa os aspectos lindos, ou imponentes, ou sómente pittorescos das cidades, vão por seu turno correr mundo; e se muitos delles não chegam a excitar outras curiosidades, alguns sempre conseguem despertar no espirito de outros homens o desejo de vir pessoalmente comparar a gravura com a realidade, a reprodução com o original. E', para cada paiz visitado, uma propaganda efficaz e barata. E, attendendo a isso, confessemos que a *Agencia Cook* é uma benemerita, credora de gratidão dos paizes que carecem de chamariz.

Nós, incontestavelmente, carecemos de chamariz... E é, por isso, natural que a noticia da proxima primeira viagem de uma leva de *touristes* da *Cook* ao Brasil tenha despertado o interesse que despertou.

Será nos primeiros dias de julho a partida do *Byron*, em que veem os forasteiros da *Agencia*. Saltarão em Pernambuco, visitarão a Veneza da America; descerão na Bahia, fartar-se-hão de vatapá e de mangas; no Rio de Janeiro pasmarão diante do Pão de Assucar e diante do Corcovado, atravessarão em automoveis a Tijuca entrando pelo Andar hy e sahindo pelo Jardim Botânico, irão ao Sumaré admirar a maravilhosa creação de Casemiro Costa,

como automatós, não lhes dando uma hora de repouso, — teem sido sempre troçados pelo humor de todos os chronistas alegres. Ha realmente um aspecto comico em cada uma dessas levas de creaturas de sexos, idades e nacionalidades differentes, atravessando o mundo numa communhão de curiosidade e interesse, regulando o seu prazer pela vontade e pelo relógio do "cornaca," que os dirige, não se separando com medo da dispersão, como um rebanho tímido que não ousa affastar-se do pegureiro, — e dormindo, comendo e divertindo-se de sucia...

E' na Italia, durante o verão, que mais perfeitamente se póde estudar o mecanismo dessas caravanas de homens-bonecos, que não confiam nunca no que lhe dizem o proprio olhar e o proprio espirito, mas unicamente no que lhes diz o guia. Em grupos cerrados, num passo calculado e certo, em marcha militar, os touristes da *Agencia Cook* atravessam as salas dos museus, inseparaveis, mudos, impenetraveis, graves, sem uma contracção na face, parando quando o guia pára, continuando a andar quando o guia prosegue. Parece que estão cumprindo um dever, uma obrigação, uma pena, uma penitencia...

E' uma escravidão, é um captiveiro voluntario. Nenhum dos "agenciados," da *Cook* póde, de motu-proprio, descançar em tal ou qual cidade das que estão inscriptas no itinerario, para satisfazer um capricho, ou para curar uma doença, ou para dar ás pernas um pouco de repouso, ou para saciar um desejo de amor... Quem pára, perde a viagem, — porque os outros não podem esperar: a *Agencia* comprometteu-se a mostrar-lhes tantas mil leguas em tantos mezes, tantos dias, tantas horas e tantos minutos, — e não lhes concede um só dia de quebra como não lhes poupa uma só das leguas promettidas. Não é uma viagem: é um fadario; não é um passeio: é uma lida!

Mas, enfim, nem todos viajam e divertem-se como querem, e cada um viaja e diverte-se como póde. Quem não é rico tem de se resignar a destrahir-se com pouco

dinheiro: e isso explica a sempre renovada freguezia da *Cook*. Quando acaba um desses giros pelo mundo, cada um dos viajantes menos o consolo de poder olhar os olhos na contemplação do planeta, e o consolo ainda de espantar os sedentarios com as cousas vistas... ou inventadas, enfim, nem todos podem ver o mundo do que contam os viajantes. *mentir que vient de loin...*

Não trocemos os freguezes da *Cook*! São elles os melhores propagandistas com que podem paizes novos e desconhecidos chegar a um porto qualquer. Apenas desembarcam, a saem ás lojas em que se vendem os illustrados. Esses rectangulos photographia fixa os aspectos imponentes, ou sómente pittorescos das cidades, vão por seu turno com os viajantes, e se muitos delles não chegam a ver as curiosidades, alguns se contentam com a gravura que lhes despertam no espirito o desejo de vir pessoalmente ver a gravura com a realidade. E' uma propaganda effizaz. E, attendendo a isso, confiamos que a *Agencia Cook* é uma benemerita, e que a gratidão dos paizes que elle chama chamariz.

Nós, incontestavelmente, somos chamados chamariz... E é, por isso, natural que a gratidão da proxima primeira viagem leve de *touristes* da *Cook* a serem despertado o interesse que de

Será nos primeiros dias de viagem a tida do *Byron*, em que veem a tida da *Agencia*. Saltarão em viagem e visitarão a Veneza da America, a Bahia, fartar-se-hão de vaticar e fumar; no Rio de Janeiro pasmarão com o Pão de Assucar e diante do mar, e atravessarão em automoveis a tida do Andar hy e sahin, e irão ao Jardim Botânico, irão ao Sumario, e admirarão a maravilhosa creação de Casa

percorrerão a Avenida; depois, irão ver as docas de Santos, gozarão as paisagens grandiosas da *Ingleza* entre Santos e São Paulo, irão contemplar o monumento do Ypiranga, — e seguirão para outras terras da America do Sul, queixando-se talvez da sujeira dos carros da nossa medonha Estrada de Ferro Central, da ladroagem dos cocheiros dos nossos carros de praça, da incommodidade dos quartos dos nossos hotéis, da ferocidade dos empregados das nossas alfandegas, da inopia dos *menus* das nossas casas de pasto, — mas confessando ao menos que viram algumas cousas originaes, e reflectindo que o Brasil será um dia um grande e bello paiz quando tiver achado quem o administre com um pouco mais de intelligencia e um pouco menos de politiquice.

E atrás desses forasteiros, virão outros...

Ainda não somos conhecidos, mas já começamos a excitar a curiosidade do mundo. Ainda não é bastante, mas já é alguma cousa. O que é preciso, — e isto já se disse e já se escreveu que farte a proposito da proxima viagem do *Byron*, — é que comprehendamos que não devemos espantar a gente forasteira com as exigencias revoltantes das nossas alfandegas sempre desconfiadas, farejando um contrabandista em cada viajante e um carregamento de artigos de contrabando em cada sacco de roupa servida...

O. B.

Carlos Malheiro Dias

NAQUELLA legião de Nephelibatas que surgiu ali por 1894 ha hoje bem grandes claros. Não que os que faltam tivessem chegado verdadeiramente a ser grandes como eram então as suas aspirações, mas porque a vida e a morte, dous poderosos agentes de transformação, foram levando a uns para o eterno silencio, a outros para a eterna lucta.

A bem dizer, o que ha hoje dessa legião que brigava com a Padaria Espiritual do Ceará e não reconhecia Zola como um pontifice de arte, é apenas a sua lembrança. Lembrança afinal saudosa e grata, mesmo á alma dos que puderam viver, porque naquelle tempo, ha apenas 17 annos, discutia-se arte, faziam-se partidos litterarios e descompunha-se, ao passo que hoje até a Mme. Fauchon desapareceu, sem deixar successor para os grandes serviços que ella prestou á litteratura nacional abrindo uma alegre livraria, não para que os Nephelibatas

lessem, mas para que elles tivessem um ponto commodo, em plena rua do Ouvidor, de onde fallassem contra o Sr. Machado de Assis e o Sr. Raymundo Correia e procurassem demolir a Academia, que aliás era indemolivel, porque ainda andava na rua, exactamente como os Nephelibatas, seus figadaes inimigos.

Os que não morreram e conseguiram collocar-se na vida não alcançaram precisamente a gloria que decididamente para os homens de letras do Brazil não passa daquella rua-zinha que o Sr. Dr. Passos enfeitou e embelezou com as classicas grades do largo do Rocio e daquella ermida branca, muito celebrada nas noticias commemorativas da Assumpção e a que em 1894 o Sr. B. Lopes parecia tanger o *balão, balão*, dos seus versos decadistas.

Não chegaram tambem á burguezia (como esta palavra hoje é mais agradavel que em 1894!) mas distanciaram-se consideravelmente daquella nevoa azul que envolvia a sua Torre de Marfim, um minarete tão alto e tão impalpavel que ninguem jámais suspeitou que se erguia acima dos telhados da livraria Fau-

chon e do Café de Londres, dous estabelecimentos que tiveram a mesma sorte do nephelibatismo, sem graves consequencias para a patria.

E' desse tempo Carlos Malheiro Dias. E' desse tempo, mas não dessa escola. Ao contrario, foi dos poucos que conseguiram passar pela rua do Ouvidor sem pôr os olhos em alvo para aquella Torre de Marfim que no alto do Café de Londres fumegava a sua nevoa azul e que a muitos parecia simplesmente a chaminé da casa annunciando que se preparava lá dentro nova infusão de café.

Tambem não viera para a litteratura por uma simples attracção da rua do Ouvidor e daquelle cenaculo da livraria Fauchon, sempre fervente de preoccupações estheticas, ás 3 da tarde. E' possível que, fugindo aos sonetos da rua do Ouvidor (*lêste o meu ultimo soneto?* era a phrase mais corrente no Cenaculo), Carlos Dias não conseguisse escapar aos que, á mesma hora, eram lidos diariamente na redacção da *Semana* que foi onde elle surgiu com os seus *Scenários*. Mas ao menos lá havia recato, não se estava em plena rua, deante dos desdens da multidão e a arte tornava-se assim mais sagrada e como guardada num templo hindú, mesmo alli na rua de Gonçalves Dias, por cima de um barbeiro e com um dentista no salão da frente.

O barbeiro e o dentista, ao menos, se não eram iniciados, respeitavam profundamente essa Religião, tão profundamente que não procuravam ver em que passavam o tempo os seus Sacerdotes. E levavam a sua respeitosa discreção a tal ponto que nem liam a *Semana*!

Assim, naquelle meio tranquillo, em que já estavam muitos dos futuros academicos, o moço escriptor ganhou vôo. Cá fóra, na Torre de Marfim, que não esperou as demolições para deixar livre a rua do Ouvidor, rosnava-se contra aquelle genio que abatêra de re-

rente da Paulicéa arrastado por Valentim Magalhães para a gloria da publicidade e do renome.

Havia então um moço, *um novo*, que não era nephelibata?

Ninguém o acreditava e muito menos se acreditava que fóra da sacratissima escola podesse haver talento.

Mas Carlos Dias caminhava rapidamente. O seu nome ficou logo retido, embora não fosse senão para o apontar como um reprobado e um renegado da geração. E caminhando com passos agigantados galgou a imprensa.

Outra aberração, essa de procurar o jornal donde quasi todos os outros eram repellidos ou de que pelo menos não procuravam approximar-se. Nova dóse de animosidade, portanto, contra esse discolo que ousava agora pontificar das columnas d'*A Noticia* que não inseria os sonetos da nova geração feitos na vespera e completamente ineditos.

Um bom destino evidentemente guiava o moço escriptor. Se elle tivesse vindo mais tarde para o jornal, é certo que teria amarrissimas desillusões.

Entrou, porém, sem a si mesmo ter perguntado o que era um jornal. E o resultado foi que colheu intacta uma noção que lhe teria de outro modo chegado deturpada.

D'*A Noticia* passou á *Cidade do Rio* atraído pela luz intensa e carinhosa d'aquelle grande espirito que se chamou José do Patrocínio. Ahi ainda o perseguiu a animosidade da escola rebelde. Muito moço, em plena floração do seu espirito não pode supportar os ataques da grey innovadora e, talvez soffrendo o influxo de Patrocínio que era a acção feita combate, retaliou com vigor.

Os seus folhetins, como ainda mais tarde o seu primeiro romance *A Mulata* resentem-se desse sopro de combatividade e de violencia.

Felizmente a escola nephelibata, vindo civilisar, tinha abolido o pugilato. Depois



CARLOS MALHEIRO DIAS

Carlos Dias, embora de pequena estatura, era de uma belleza quasi hellenica, os seus olhos, grandes, redondos e negros, denunciavam a não deixar duvidas uma intelligencia rara. E naquelles tempos de esthesia e de torres de marfim, tudo que fosse belleza e talento, acabava dominando a legião iconoclastica, desde que não viessem dos grandes homens de Academia.

A *Mulata* deu-lhe o primeiro triumpho de livraria embora entregue o romance a um editor que em Paris seria corrido á batata, se a policia por amor a ordem publica e ao bom gosto não o obrigasse a fechar a casa.

Ainda ahi, logo no primeiro capitulo, o seu resentimento contra os que tão rijamente o haviam atacado, se manifesta com igual vigor. Mas o romance foi verdadeiramente uma revelação. Para escrever-se assim aos 20 annos é preciso estar já acima da vulgaridade. Não havia ainda alli bem definidas todas as grandes qualidades desse escriptor, pode-se mesmo dizer que tudo que alli ha de Carlos Dias é ainda um ensaio. Mas é um grande ensaio eis tudo que se pode dizer. As características de forma, de estylo, de vigor, as ideias, os conceitos são já claros, mas não constituem senão modulos provisionarios que posteriormente se modificaram e completaram.

Passando a Portugal, e era lá rigorosamente que o seu espirito devia aperfeiçoar-se para se revelar inteiro, Carlos Dias recebe immediatamente a influencia de Eça de Queiroz, o immortal romancista. Longe dos Nephelibatas brasileiros, num meio em que já Eugenio de Castro abandonava as *fumisteries* dos seus *Interlunios*, Malheiro Dias poude esquecer os seus primeiros annos de tentativas e sondar essa alma portugueza tão rica e tão interessante que anda nas paginas de Eça enaltecida pela sua pena maravilhosa, entre saudades e ironias, apotheeses e ridiculos sempre com uma grande emoção e um immenso amor, tão grande amor e emoção como os que palpitam nos contos de Hercu-

lano que nunca viu e foi um reconstructor austero, por vezes severo.

Eça é tão profundamente absorvente que ha hoje espiritos que difficilmente acceitam o que não trouxer a sua maneira, aquelle seu tão limpido estylo, aquella sua forma tão perfeita e aquella incomparavel e quem sabe se inimitavel, estridula ironia.

Carlos Malheiro Dias conseguiu approximar-se do Mestre saudoso. No *Filho das Hervas* e nos *Telles de Albergaria* ha numerosas paginas seguidas que nos deixam confusos, tanto aquillo nos parece Eça, mesmo despido da sua finissima satira, desnudo d'aquelle manto diaphano de phantasia em que o autor dos *Maias* envolvia aquelle delicioso sonho do bacharel Raposo e aquella lenda de Santa Irenia.

Em Portugal ninguem negou essa semelhança de Carlos Dias com o grande romancista. Antes, deante dos seus romances, a consagração veio logo e o novo romancista foi proclamado o successor de Eça.

Este titulo já é grande aqui, deve ser immensamente maior para um espirito portuguez que sabe quanto no Brasil o seu Mestre foi adorado e como ainda hoje a sua memoria perdura entre as mais gratas memorias dos que, num meio hostile, peor que hostile, indifferente, ainda têm a loucura da arte, a cega e a dolorosa obstinação da litteratura.

Valentim Magalhães disse um dia que fôra o escriptor mais negado de sua geração; todos de facto o combateram, um pouco por culpa sua, pois Valentim não se subdividiu, senão que chegou a pulverisar-se por todos os ramos das lettras. O que não se póde hoje negar é que elle teve este merito, que não é corrente, de descobrir esse talento e lançal-o no caminho do renome e da consagração.

Carlos Dias surgiu para as lettras no Brazil e Portugal nol-o restitue hoje como uma das suas mais bellas esperanças, um testemunho ainda do seu genio e da sua poderosa vida intellectual.

O. G.



A VOLTA DA SAÚDE

(Ao Dr. J. Maximiano de Figueiredo)

Cerebro enfermo, coração descrente,
Acolhe-os outra vez, sacra montanha,
Que o claro Paquequer afaga e banha,
Num doce idyllio, numa paz dormente.

Repousemos aqui tranquillamente,
Meu pensamento; aplaca a rude sanha,
O odio, que a lucta da cidade assanha,
E que no intimo trouxe ainda fremente.

Aza da phantasia, o vôo sólta!
Chama-se esta da Saúde a Vólta,
E a natureza é mãe que não illude.

Amanhecendo vem o novo dia;
Acorda e canta a ave da alegria!...
Abençoada a volta da saúde!

Alto de Therezopolis, 23 de Março de 1907.

Lucio de Mendonça.



A vingança da Terra

II

AO outro dia saí cedo, pela manhã embriagadora de alegria e de vida. Tomara o meu aparelho de photographo amador. Veiu-me a lembrança, com a saudade, minha fiel companheira, o Lago, nome generico de um arrabalde da cidadezinha, onde lagunas diversas communicando-se entre si, e as vezes fundindo-se em uma só, formavam um vasto aguçal com aquelle nome. Era um sitio bastante pitoresco, especialmente eleito pela gente da terra para as suas refrescatas e passeios. Para lá segui, levantando em meu caminho, áquella hora de maior animação, nessas terras que o clima faz matinaes, a mesma esteira de olhares curiosos, cochichos indiscretos e dedos apontadores. Com pouco estava na estrada larga, selvagem e quasi sempre deserta, que levava áquelle lugar. A cada passo as recordações acudiam-me em tropel, aformoseadas por muitos annos de saudades. Parecia-me de novo reconhecer, como velhas amigas, com prazer e pena encontradas, as arvores, a paizagem, este ou aquelle trecho mais singular do caminho, as casinhas de palha disseminadas de espaço em espaço entre o arvoredado. A propria gente humilde e miseravel que as habitava, não se me affigurava, na sua feição commum, em todos apparentemente igual, de povo de uma mesma classe e condição, já tão extranha. Uma grande benevolencia despertava em mim para tudo aquillo; tudo me parecia interessante e bello; tudo agora me encantava. Achava a natureza, nua de homens, na sua eterna indifferença igual e sem proposito, menos antipathica do que a cidade curiosa, bisbilhoteira e desde-nhosa.

Com pouco, a um dos lados do caminho estreito e arenoso — pois a estrada larga ficára atraz — abriu-se a rala cortina do matto, e um lençol dagua clara, coberta em lugares de vegetações aquaticas, appareceu aos meus olhos, numa risonha paizagem, banhada da luz e da frescura da manhã incomparavel. E ali, metida na agua parada, até quasi acima do joelho, com a saia de chita desbotada, alvadia, arregaçada e segura entre as pernas apertadas, o cabeção aberto, os braços arremangados desde perto dos hombros, uma mulher lavava, em plena agua, uma peça de roupa alva como os jasmims do raminho preso nos

seus cabellos negros e reluzentes, logo acima da orelha breve. A que annos não via eu scena igual! Ao ranger dos meus botins, ella ergueu o busto e voltou a cabeça. Era moça e bonita, da belleza luxuriosa da sua raça, meia estatura, cheia, carnes duras, ligeiramente douradas naquelle momento pelo sol, grandes olhos negros e humidos, boca sensual de labios fortes, testa curta, encimada por uma farta madeixa muito negra, orelhas miudas e nariz pequeno, mais afilado que de commum na sua gente, a tez moreno pallido das mamelucas. Não distingui bem a impressão que lhe causei, mais de indifferença talvez que de espanto; apenas uma apagada surpresa de ver ali um desconhecido. A minha, não o esqueci ainda, foi grande; senti palpitar-me o coração, e o estremecimento de um sopro fugaz de volupia. Os seios duros da donzella — affigurou-se-me que o era — levantavam o seu cabeção curto, que, decotado, descobriam-lhe tambem o collo liso, cheio de tons quentes, deixando a ver numa meia nudez tentadora. O peccado de salto e feroz empolgou-me o espirito. A' moda da terra disse-lhe: Bons dias! Ella, indifferente, respondeu-me: Deus lhe dê bons dias. E não achei mais que dizer-lhe. Si ella fosse uma coquette teria percebido a minha commoção. E, embatucado, depois de um momento de silencio reciproco, em que ella distraiu-se expremendo com suas mãos pequeninas e fortes a agua de uma peça de roupa torcida entre ellas, tratei-a de senhóra, como se estivesse num salão com uma dama: — A senhóra deixa-me tirar esta vista — como se eu precisasse de licença para photographar a paizagem sem dono. Creio que me não entendeu; foi de ignorancia a sua expressão. Embaraçado e confuso, como um acanhado donzel de quinze annos, eu ia entretanto dispondo o meu aparelho. Divisei-lhe no rosto tornado serio e mesmo levemente carregado, uma expressão resabiada.

Dias depois voltei ao lago, levando uma prova da photographia que, por felicidade, saíra excellente. Não me custou a dar com o sitio, onde se me deparara a gentil lavadeira. Nem eu precisaria da imagem que tinha no bolso para reconhecê-la; tinha-a exactamente gravada na lembrança e, não sei porque, illuminada de uma vaga saudade. Nesses dias, mais de uma vez, a recordação dessa insignificante aventura misturara-se com uma indefinivel sensação de doçura, á melancholia da minha estada ali. O caminho que me levava era aliás direito, sem errada possivel. Desta vez, porém, estava deserto o sitio do nosso encontro, mas não abandonado, que se viam roupas corando ao sol, sobre as baixas moitas de grammineas do lugar. Reparei então

que na rala capoeira fronteira á bacia ou lagoasinha ali feita pelo lago, abria-se um caminho. Ao cabo delle, e através da mataria escassa, lobrigava-se uma habitação humana, uma choupana de folhas de palmeiras, de palha como ali dizem, que da primeira vez, na commoção da surpresa do encontro, me tinha escapado. Metti-me por essa picada, não sem alguma cousa da mesma commoção, como de mim mesmo notei surpreso e confuso. Era um minuto, ao fim delle estava no terreiro limpo da palhoça, onde duas mulheres labutavam nos serviços caseiros: Era uma justamente a formosa rapariga do meu delicioso encontro do outro dia. Responderam á minha saudação sem alvoroço, graves e calmas, com a indiferença do seu genio, legitimada no seu caso pela frequencia e sem cerimonia com que quantos por ali acertavam de passar se abeiravam da sua casa para um informe, uma «gota d'agua», segundo o modo local de a pedir, o fogo para o cigarro, um pouco de descanso á sombra do copiar ou, si conhecidos, uma conversa. Para justificar a minha presença, pedi agua. A mais idosa das duas mulheres mandou á mais nova que m'a desse, chamando-lhe Rosalina. E como esta não viesse logo, e eu estivesse ainda fóra da especie de alpendre que sob o nome indigena de copiar é o appendice abrigado daquellas miseraveis habitações sertanejas, ella convidou-me com primitiva simplicidade: — Entre, se assente, a aceitar o agasalho da sua casa. O assento era um grosso tronco de madeira daquellas mattas. Mal me havia eu nelle abancado, veio do compartimento unico que me pareceu ter a choupana Rosalina, trazendo-me agua numa cuia rebrilhando de preto. Tomei-lh'a da mão com muitos agradecimentos e enquanto bebia mirei-a a meu gosto. Que deliciosa criatura, ali com o seu geito e naquella sua natureza de semi-selvagem! Já a photographia me dera ensejo de lhe estudar por miudo a formosura, rude, mas encantadora nas suas feições primitivas. A vista agora me confirmava a impressão. Restituindo-lhe a sua linda cuia preta, perguntei se não se lembrava de mim. Entre vexada e risonha, respondeu-me que eu era o moço que lhe falara outro dia na fonte e que tinha uma machina. Tirei então do bolso a prova photographica e, sem dizer nada, mostrei-lhe. Foi de um assombrado e ditoso contentamento a sua impressão, manifestada num riso aberto, mas sem ruido, em que os seus alvos dentes mostraram-se todos, illuminando-lhe a physionomia de uma grande luz de prazer. A mãe (entendi que era a mãe) acudiu, e num gesto identico, porém com muito menos alvoroço e graça, soltou, erguendo as mãos um:

— Ah! pudéra!... de admiração e de gosto, que bastaria á minha vaidade de photographo amator, si eu a tivesse. Foi para ambas uma festa. Não se cançavam de olhar a photographia, da qual não se despregaram por longos minutos os seus olhos. Rosalina, era evidente, achava-se bonita, compraziu-se em ver-se, mirava-se ingenuamente com amor, sorrindo á primeira imagem que, acaso, de si via, fora do seu espelhinho de pacotilha ou da agua da fonte vizinha. Por conversar, perguntei-lhes ociosamente se achavam bom, se estava parecido, se gostavam. Só a mãe respondeu, mas os olhos da filha diziam mais que o tartamudear da palavra della. Vi o desejo que tinham de possuir a prova. — Si nh'avó visse... mormurára Rosalina cubiçosa. Disse-lhes que lhes traria outra melhor, já colada em um cartão, que poderiam suspender da parede. Era talvez menos pelo desejo de lhes ser agradavel que por ter um pretexto para voltar ali. Eu sentia-me tão só!...

Perdido com este incidente o primeiro acanhamento, e Rosalina sempre com os olhos fitos na photographia, entrou a mãe della a falar comigo. Por satisfazer a sua vaga curiosidade, repeti-lhe a minha historia do boticario, accomodando-a ao seu curto entendimento. Mostrei-me tambem interessado por ellas, pela sua vida, pelo lugar, interroguei-as sobre as cousas daquelle pedaço de terra, gabei-lh'o com sentimento e sinceridade. Rosalina escutava-nos muda, queda na contemplação ingenua do seu retrato, do qual uma ou outra vez retirava os olhos voluptuosos para fixal-os, com uma expressão levemente carinhosa, em mim. A mãe acabou por me fazer tomar do seu café, segundo o rito nacional, e eu tornei á villa repetindo-lhe a minha promessa de levar-lhes o retrato.

E voltei encantado, sob a impressão indecisa ainda mas doce de que me não achava já tão só, e, como um civilizado sentimental, enfarado da civilização, achando delicioso aquelle contacto com essa gente rude, ingenua e boa.

Mau grado meu não me saía do sentido a encantadora figura de Rosalina, a sua formosura calida e tentadora. No meu desalento, na especie de acédia que ha um anno se apoderára de mim, e que repetindo-se em periodos incertos, me fazia fugir á minha propria existencia, ao incommodo de viver em que o isolamento que as circumstancias e o meu mesmo espirito me criavam um pouco por toda a parte, e que a soledade da terra natal exacerbára, passou-me indeciso na imaginação o pensamento de amar aquella rapariga e de ser della amado, de um amor animal, mas inteiro e absoluto, em que me perdesse e

absorvesse como o budhista no seu Nirvana. Era uma fôrma de procurar o Nada, como qualquer, e para um sensual como eu, mais deliciosa; um suicidio sem morte do individuo. Não ouvira eu tantas vezes contar de estrangeiros, e até de patricios, de educação e posição social, que vindo aquella mesma região, por ali se tinham deixado por longos annos e até de vez ficar, esquecendo patria, familia, civilização, seduzidos e empolgados por aquella vida livre e facil, adorados como seres superiores por uma daquellas mulheres, amorosas e fiéis como cadellas?

Prompta e cuidadosamente collada num cartão a nova prova, no outro dia, logo cedo, parti para o lago. Encontrei lavando a roupa á mesma beira delle mãe e filha. Houve já mais alvoroço, mais familiaridade e desembaraço no encontro, e uma curiosidade satisfeita nos olhos de Rosalina. Sairam de dentro d'agua onde lavavam meio molhadas, saias e mangas arregaçadas e abeiraram-se de mim. Dei-lhes a photographia, e a sua expressão de contentamento foi ainda, em Rosalina principalmente, grande, embora pouco ruidosa. Dali fomos para a choupana, onde estava a avó, que nessa manhã recolhera de um sitio proximo, do filho mais velho. Era uma mulher de mais de sessenta annos, de cabellos todos negros, ainda forte na sua magresa. Rosalina correrá na frente, com a alegria de uma criança, levando-lhe o seu retrato. A velha mirava-o em extases, embasbacada, quando cheguei e saudei-a. Respondeu-me bem, mas sem muito attentar em mim, disfarçando a sua cerimonia com o estranho na contemplação do retrato da néta.

Entrei a conversar mostrando um album de photographias de outros lugares, algumas já d'ali mesmo, por mim feitas. Chegou dahi a pedaço o filho mais velho, mostraram-lhe o retrato, que apenas passageiramente o interessou. Fiz-me seu camarada, dei-lhe charutos e cigarros e elle levou-me a passear por aquelles arredores. Minha alma angustiada, agora mais repousada por aquella camaradagem matuta, achou nessa digressão um infinito contentamento. Eu tivera sempre, e conservava, um grande interesse, uma viva curiosidade, como um fetichismo bairrista, das cousas de minha terra. Aquelle matuto era um pouco mais loquaz que os seus parceiros. Assaltei-o com perguntas, e elle me respondeu sempre de boa vontade. Levou-me á sua casa, pouco melhor era que o casebre da mãe, e a sua gente tinha a mesma rustiquez e simplicidade que a desta.

Os dias que ainda me restavam a passar na cidade pezavam-me como um castigo. Era o mesmo dos primeiros o meu isolamento.

Eu percebia vagamente que começava a dar que falar ás linguas maledicas, abundantes sempre nas terras pequenas. Passeios solitarios, uma estação diaria, mas curta, no boticario, eram todo o meu divertimento, e, começava a arrepender-me daquella visita á terra natal, não obstante procurar disfarçar o exacto motivo que me levara a ella, a amargura da minha vida isolada e melancolica, com o motivo piedoso de visita aos meus pais mortos. O unico refrigerio eram os passeios frequentes ao Lago. Familiarizara-me com aquella gente simples e ella comigo. Levei-lhes uns mimos sem valor, que me acabaram de lhes conquistar as boas graças. Tomava ás vezes parte nas suas parcas e ensossas refeições, e a minha lhaneza, aliás estudada, os captivava. Entre Rosalina e mim se fazia uma camaradagem deliciosa e desassombada de qualquer suspeita dos seus — descuido natural num meio em que as uniões regulares eram a excepção. Saberá ella o que era amor? Quem sabe? como elles lá dizem. Pouco a pouco eu sentia-me prender áquella vida da natureza, facil, descansada, em que o esforço parecia abolido, deslizando com o desembaraço daquelles regatos sobre as areias macias e unidas dos seus leitos sem estorvos. O peor era que eu não descobria em mim energias para resistir-lhe; ao contrario, como o mancebo dos contos da Uyára, que lhes ouvira, me deixava ir sem vontade mas sem resistencia tambem, gostoso da delicia do arrastamento, levado pela corrente. Sem maiores deveres fóra dali, só no mundo, não seria melhor deixar-me por lá ficar, na segurança daquella affeição simples, daquelle amor inteiro, daquelle repouso perenne da alma e do corpo? Rosalina podia não saber o que era amor, nunca entre nós se trocara uma palavra que m'o deixasse perceber, mas que ella me adorava ou estava prompta a adorarme, quando eu quizesse deixar-me adorar, era para mim evidente. Que me importava o mundo e seus juizos? Não estivera eu uma vez a ponto de suicidar-me? Era uma solução como o suicidio, apenas menos tragica, e, o que talvez inconscientemente lisongeava a minha vaidade morbida de artista já celebrado, numa forma rara.

E deixei-me ir na seducção daquella vida e destes pensamentos. A nossa intimidade já era grande, sem que entre nós se houvesse trocado uma palavra ou um gesto de amor, a não serem os mudos, mas eloquentes, dos nossos olhos, ou das intenções que naturalmente, sem estudo, punhamos nas nossas maneiras e palavras.

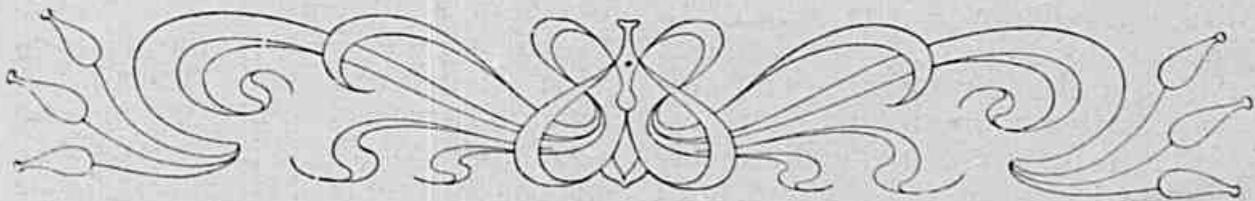
Um dia, com a cumplicidade provocadora de um quasi anoitecer a sós no matto, de

volta de um passeio mais longo, numa tarde em que a frescura humida da floresta e o desprender dos seus aromas penetrantes e das suas vozes mysteriosas, punham em torno uma voluptuosidade de paraiso, ousei um gesto e umas palavras de amor. Rosalina não me repulsou, toda a sua avelludada pelle morena enrubesceu, seus olhos se humedeceram de lagrimas, que não eram de pesar, as mãos que ella deixou nas minhas, esfriaram, mas corresponderam ternamente á minha pressão. Todavia, languida de amor, ella gritou resolutamente, após um rapido momento de abandono, no fim do qual se desvencilhou de mim, decidida e doce:—Não, não; tu não és d'aqui, tu te vais embora e me deixas. E correu como uma veadinha arisca atravez do bosque em direcção da casa, deixando-me só.

Aves nocturnas, tristes e agoireiras, começavam a elevar o seu piar melancholico, e em algumas tetrico. do seio da noite, de repente fechada na mata. Com o coração opprimido, eu cheguei ao casebre da mãe de Rosalina. Ouvi que lá dentro rezavam o terço, augmentando com a sua cantilena tristonha a tristeza infinita da natureza em volta e a da minha alma, que era maior.

Vagaroso e esmorecido recolhi á villa e no outro dia deixei-a para sempre, ainda mais acabrunhado do que lhe chegara, sentindo com uma dor profunda e inacabavel, a sensação quasi materialmente dolorosa, que a minha terra vingava-se do meu abandono, rejeitando-me de si.

JOÃO BARROSO.



A gruta de Camões

NO JARDIM DO SR. PEREIRA EM MACÁU

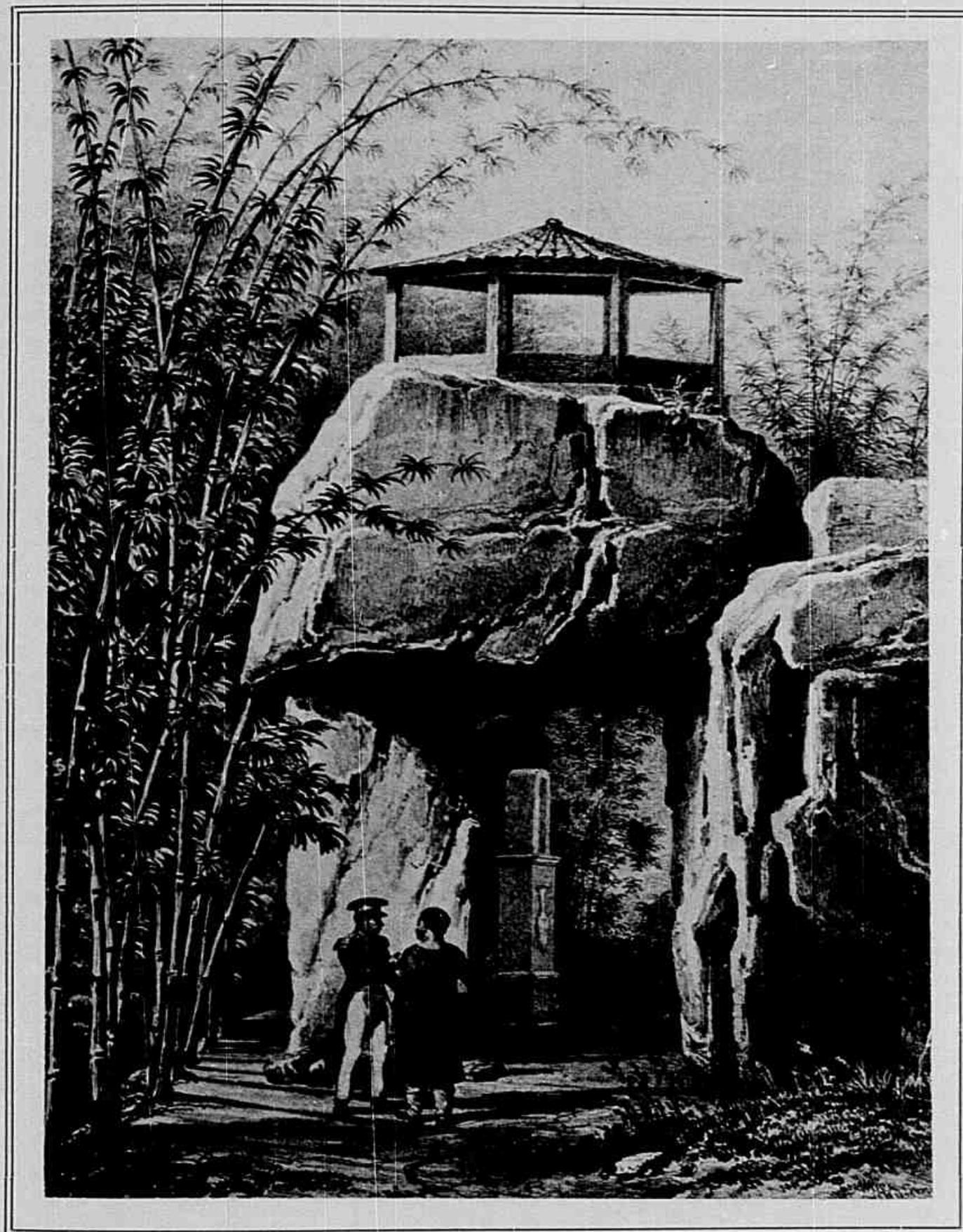
A mais notavel e interessante curiosidade de Macáu, pela natureza das recordações que desperta, é a gruta cavada n'um rochedo, em cujo cimo fizera, em certo tempo, um original inglez construir um mirante, donde se desvendava a enseada, e parte do porto de Typa, povoado de bateis toldados de palha entrançada, de barcas que conduzem sal para Cantão, e dos *juncos* de guerra, em cujos mastros curtos e grossos, tremulam bandeirolas de vinte côres diversas, enfileiradas em torno do junco-almirante, distincto pelo pavilhão amarello, guarnecido de dois bastões de mandarim.

No concavo deste rochedo, que fórma como o que uma arcada de paredes quasi a prumo, inflammado no mais puro amor da patria, compoz o insigne poeta Luiz de Camões, o Tasso portuguez, parte do immortal poema dos

Lusiadas, unico thesouro salvo por elle do furor das ondas, e o mais perduravel monumento dos heroicos feitos dos seus compatriotas. Nessa gruta se refugiava o amante infeliz, o guerreiro intrepido e desvalido, o poeta philosopho e esquecido, o viajante observador e naufrago, o homem, finalmente, cuja gloria só podia ser igualada pelas suas desventuras; que não movido de premio vil, mas prevendo, de mui longe, que sua lyra seria mais afamada, que ditosa, ergueu até as estrellas o pregão do seu ninho paterno; e, confiando sómente na justiça da posteridade, expirou com a patria, ao annunciarem-lhe o fatal exito da batalha de Alcacer-Kibir.

Ahi por ventura saudades da sua Nathercia vieram provocar as lagrimas do homem affeito a contemplar impassivel o espectaculo das pelejas, e a supportar resignado o peso do infortunio.

Ainda hoje quando o forasteiro examina o interior desse rochedo, todos os objectos que ahi encontra lhe infundem tão religioso respeito como si a alma do grande poeta jámais se houvesse apartado da lapa, confidente dos seus amores e de seus mais intimos pensamentos.



A gravura acima tomámol-a de empréstimo ao *Journal de la navigation autour du Globe*, de la Frégate la THÉTIS et de la Corvette l'ESPERANCE, pendant les années 1824, 1825 et 1826, publié par ORDRE DU ROI, sous les auspices du DÉPARTEMENT DE LA MARINE, par M. le BARON DE BOUGAINVILLE, Capitaine de Vaisseau, Chevalier de Saint-Louis et de l'Ordre des Cincinnati, Commandant de la Légion d'Honneur, CHEF DE L'EXPEDITION.

Paris. Arthur Bertrand, Editeur, Libraire de la Société de Géographie, rue Hautefeuille, 23. M DCCC XXXVII.

A gravura, bem como os breves esclarecimentos que a acompanham, foram-nos gentilmente cedidos pelo Dr. Pires de Almeida, e fazem parte do seu precioso e escolhido acervo litterario e artistico.

BORDEAUX

ERA um dia quente de julho. No ar de fornalha da manhã ensolarada, os campos ainda verdes se estendiam a perder de vista, cultivados e retalhados em desenhos geometricos, raramente enfeitados de algumas arvores. A cada curva da estrada elles verdejavam ao longe, sem montanhas no horizonte, sem elevações nem declives, sempre eguaes, sempre repetidos, sempre monotonos, perdendo assim o encanto das paizagens que nos dão a illusão de que fogem, — como as figuras immoveis vistas atravez de um phenakistiscopio. E o trem rodava vertiginosamente fugindo de Paris, n'uma pressa de quem sabe que volta, comodizendo á cidade que para traz ficava: — «Eu vo-

correndo assim para regressar mais depressa...» As paizagens são como os homens: quando mediocres passam despercebidas. E o homem, no seu eterno e louco desejo de dominio sobre a natureza, que o leva a escalar as montanhas, a affrontar os mares, a descer aos abysmos, a fingir de aguiá voando em balões no ar, em vez de se sentir satisfeito olhando as terras que nada têm de soberdo, e antes humildes são como mendigos, experimenta uma tristeza misturada de desdém pelo adversario de quem tão facilmente triumpho, — e deixando a portinhola mergulha na leitura de um livro, de um jornal, de uma revista, ou fecha os olhos para dormir e esquecer. No caso contrario, quando a natureza surge na pompa de seu esplendor e força, só um cego não sentirá entrar-lhe n'alma este veneno mysterioso das sensações avassaladoras, este beijo doce e cruel da alma das coisas, musica e

perfume ao mesmo tempo. Quem poderá pensar em outra coisa, senão no que tem deante dos olhos, — navegando no Amazonas, entrando no Rio de Janeiro, subindo a serra dos Orgãos, vagando na doçura e na quietação de Cintra, contemplando o Mediterraneo ou galgando um pico dos Pyreneus? Visa á força dominadora! Antes um leão do que uma vibora, antes o Vesuvio do que uma caixa de phosphoros. Salve, a natureza poderosa! Si é lei humana cahir vencido, antes cahir vencido por um gigante. E enquanto o expresso roda em direcção a Bordeaux, adormeçamos ou leiamos um livro leve cujos pensamentos fujam como as voltas do caminho...



Bordeaux, uma das primeiras cidades da França... Parece uma grande coisa isto dito assim. Uma das primeiras... Portanto logo depois de Marselha e Lyon. Mas a centralização na Europa ainda põe entre as capitães e as demais cidades uma distancia tão grande como a que ha entre um pae illustre e um filho recém-nascido. Bordeaux é uma das mais importantes cidades da França, mas apesar das seis horas de distancia está tão longe de Paris como a Victoria do Rio de Janeiro. É verdade que essa importancia de Bordeaux na costa de França é mencionada apenas nos guias e nas geographias, justamente nos livros em que os auctores só levam em conta o numero de habitantes, a area da cidade, a séde d'esta ou d'aquella instituição, os homens illustres de quem a terra foi berço, e outras coisas assim insufficientes e relativas. Ora, uma cidade se destaca entre as outras

pela sua cultura, pelo seu estado de civilização, pela commodidade que oferece aos seus habitantes e aos estrangeiros. E em Bordeaux não ha um hotel de primeira ordem, os bondes são mãos, o serviço de lanchas é pessimo, os calhambeques que rodam nas ruas parecem dos tempos primitivos, as lojas são pobres, provincianas, burguezas, as livrarias... Oh! as livrarias...

Quando um brasileiro passa na Bahia estima que os estrangeiros não desembarque por causa da sujeira da cidade baixa e para que elles não vejam as obscenidades escriptas e pintadas nas paredes do elevador, — tal e qual como nos muros de Madrid e de Paris e na platibanda da Torre Eiffel... Resta nos a consolação de que Bordeaux é tão sujo como a Bahia, e que ha em Bordeaux uma viella chamada *Rue Rose* que é o becco mais immundo d'este planeta e dos outros.



O carro, salindo da *place de la Comédie*, onde se ergue o Theatro, entrou na rua de Santa Catharina, animada e movimentada, seguiu até a de Alsace-Lorraine, entrou na praça Pey-Berland em frente à cathedral de Santo André, um bello monumento gothico. O Museu, pequenino e modesto, merece entretanto uma visita demorada. Quasi todos os grandes nomes estão lá representados: Holbein, Murillo, Tiziano, Salvator Rosa, Rubens, Snyders, Veronese, Téniers, Bruleghel, Vasari, Delacroix. Na galeria de esculptura admira se



uma colossal estatua de Luiz XVI. O carro deu umas voltas, dobrou esquinas, atravessou praças e enfrentou com uma curiosa porta que fazia parte do antigo Hotel de Ville. Na praça do Mercado Novo surge a construção da Igreja de S. Michel, em gothico do

seculo XII, notavel na parte exterior por formosas esculpturas representando o *Nascimento de Jesus*, a *Adoração dos Pastores*, o *Sacrifício de Abrahão* e a *Apparição de S. Miguel ao bispo de Siponto*. Defronte, dentro de um pequeno jardim, sobe, esguia, e alta de cento e oito metros, a torre de S. Miguel. A sua grande curiosidade é a crypta, onde estão expostos cadaveres mumificados. É um espectáculo burlescamente macabro, funebre, fantastico, inolvidavel, vêr por cincoenta centimos todos os diversos rictus da morte no fundo de um subterraneo... A praça da Bolsa, ornada com a *Fonte das Tres Graças* conduz á de Richelieu, onde ha uma bella estatua de Sadi-Carnot, e esta á de *Quinconces*, a maior e a mais bella, com monumento commemorativos ao commercio, á Navegação e aos Girondinos, e estatuas de Montesquieu e de Montaigne. As *allées d'Orléans*, o *cours XXX Juillet* e a praça da Comedia são os logares mais alegres da cidade durante a noite.



Em vez da affirmação combativel de que Bordeaux é uma das principaes cidades da França, os guias deviam dizer que é uma das suas cidades mais interessantes, mais curiosas, mais merecedoras de uma visita demorada e conscienciosa. É agradavel ir ás *Arènes* vêr as ruinas do Palacio Galliano, o parque, — e do outro lado do Rio ir assistir á construcção dos grandes couraçados, — o que é extremamente difficil de conseguir. Mais facil é percorrer ao longo dos cães os immensos armazens de vinho em que milhões de pipas esperam embarque.

A situação de Bordeaux, á margem do Garonna, é lindissima. Quando o trem se

aproxima, surgem ao longe as torres das egrejas, o casario que margina o posto, os veleiros e os grandes transatlanticos já de proa virada para o oceano. As vastas pontes lançadas sobre o rio, ligando as duas margens, parecem á hora indecisa do crepusculo, infinitas serpentes estiradas no caminho. Quando o vento é favoravel ouve-se, vindo da outra banda, um rumor de martellos gigantes batendo pregos colossaes: são os operarios preparando a carcassa de um navio. As construcções dos estaleiros lembram forjas cyclopias; e para dar uma impressão violenta de fabula, n'essa quente noite de julho rebentou um furioso incendio n'um barracão de vinhos. Ao principio, visto da janella do hotel, o fogo parecia ser dentro da cidade; depois, como os bombeiros passassem para os lados do porto, todo mundo os acompanhou. Era realmente do outro lado: rubras chammas crepitavam, subiam, retorciam-se como mordidas de raiva, devoradas pelas

propriias linguas envenenadas, ébrias da loucura fantastica do fogo. Os bombeiros atravessavam as longas pontes que trepidavam, as machinas silvavam, os sinos bimbalhavam, as lanchas guinchavam, os grandes vapores mugiam, e sob o céu todo vermelho, essas vozes brutas e desencontradas eram como o desespero da Terra vencida, do trabalho perdido. Entretanto as labaredas augmentavam, ficavam mais espessas, quasi negras na base, pesadas e tumidas, e no alto transparentemente escarlates e aladas. Os bombeiros chegaram, deram a primeira investida; mas o fogo subiu mais alto, gritou mais forte, triumphou mais orgulhosa-

mente. Defronte o rio estava vermelho, como si golfadas de sangue manchassem a agua. O estalido das labaredas parecia risos de mofa, e o estalar das cumieiras abatendo era como rijas vozes de commando, — a voz poderosa da natureza abafando o balbucio do homem, a voz selvagem das coisas brutas e inconscientes, a voz do fogo, da chamma victoriosa que sahindo de entre barris como um rato, subia para o céu como as aguias e os pensamentos.

Madrid — Março — 1907.

THOMAZ LOPES.

TIRADENTES

E

OS PRECURSORES DA INDEPENDENCIA NACIONAL

O feito assinalado de 7 de Setembro de 1822, resumido sociologicamente na figura excelsa do grande José Bonifácio, foi empírica e espontaneamente preparado por tentativas precursoras, mais ou menos completas, lobrindo parte ou a totalidade do problema, que teve afinal a sua solução relativa naquella data memorável.

Applicando aos phenomenos historicos o mesmo criterio scientifico que se applica aos attributos mais simples do mundo e da vida, constata-se, com o maior pensador de todos os tempos, que a sociedade humana evolue segundo duas correntes parallelas: a da confraternização religiosa, caracterizada pela unidade cada vez mais cohesa de sentimentos, convicções e costumes, e a da independencia politica, manifestada pela fragmentação das grandes nacionalidades e subsequente formação de pequenos estados.

Manter no Planeta Patrias politicamente independentes, como o são as familias em cada Patria, e moral e intellectualmente congraçadas pelos mesmos principios espirituales, pela mesma Fé, pela mesma Religião, é o fim ultimo da longa, penosa e admiravel evolução do grande organismo social.

Os corações generosos e os espiritos superiores, que em cada momento historico contribuem para a realização daquelle supremo ideal, são órgãos eminentes da nossa especie, grandes typos, heróis, eleitos da Humanidade. Chamam-se Guilherme de Orange e Kosciuszko, Washington e Bolívar, José Bonifácio e Tiradentes. Entre estes paladinos da liberdade é Tiradentes aquelle que resume os precusores da nossa indedendencia, cujos primitivos germens se foram desenvolvendo desde que o Brasil se mostrou capaz de viver só, de formar uma nova patria.

De facto, com o triumpho sobre as armas da Hollanda, graças ao concurso, por assim dizer exclusivo, dos brancos, negros e indios domiciliados no Brasil, filhos da nossa terra, sem auxilio da metropole, que vivia em guerra com a Hespanha, a nacionalidade brasileira formara-se espontaneamente.

A primeira batalha dos Guararapes, travada a 19 de Abril de 1648, em que as tres raças constitutivas do povo brasileiro foram dignamente representadas por Fernandes Vieira Henrique Dias e Philippe Camarão, marca a victoria decisiva de uma verdadeira nação

contra o estrangeiro invasor. O Brasil se tinha assim realmente emancipado mostrando-se capaz de manter-se independente de qualquer tutela; repellira o hollandez depois de muitos annos de lutas heroicas; expulsára e ia expulsar ainda hespanhóes e francezes; era forte bastante para, no momento preciso, livrar-se do dominio portuguez. Os primeiros movimentos contra esse dominio oppressor iam breve começar, preparando o feito decisivo e immortalizando uma galeria de heróis.

Nestes distinguem-se os que concorreram directamente para a independencia politica, lutando pela separação da metropole, e os que indirectamente por ella trabalharam, sem talvez mesmo o imaginarem, aspirando á independencia industrial pela liberdade da lavoura e mineração, da manufactura e do commercio.

Entre os ultimos figuram os revolucionarios de S. Luiz do Maranhão, em 1684, os de S. Paulo, em 1708, os de Olinda de Pernambuco, em 1710, os de Minas, em 1720. Entre os primeiros avultam os inconfidentes de Villa Rica, de Minas, em 1789 e os de Pernambuco, em 1817.

A rebelião de 1648, conhecida pelo nome de *revolta de Bequimão*, resume-se nesse admiravel Manoel Bequimão, que do alto da forca, em 2 de Novembro de 1685, declarava morrer contente porque morria pelo Maranhão. A de 1708, que constitue a *guerra dos Emboabas*, celebrizou-se com a victoria e sacrificio dos paulistas, commandados por Domingos Monteiro. A de 1710, denominada *guerra dos Mascates*, tem como typo representativo o denodado Bernardo Vieira de Mello que pagou nos segredos do Limoeiro o crime de sua dedicação á patria pernambucana. A de 1720, conhecida pela denominação de *revolta contra as casas de fundição*, é symbolizada por Felipe dos Santos, o rebelde exaltado, que soffreu o incomparavel martyrio de ser esquartejado vivo por ordem do conde de Assumar. A de 1789, a celebre *conjuracão mineira*, synthetisa-se no mais eminente dos revolucionarios brasileiros, o incomparavel Tiradentes. A de 1817, conta como principal figura, conductor e instigador do levante, o ardoroso Domingos Martins.

A revolta de Bequimão, a guerra dos Emboabas, a guerra dos Mascates, a revolta contra as casas de fundição, tiveram como principal ou unico objectivo a liberdade industrial contra o jugo oppressor da metropole, que provocava animosidades profundas entre os naturaes do paiz e os filhos do reino. A conjuracão mineira e a revolução de 1817 arvoraram como bandeira a independencia politica. Em todas, no emtanto, ha uma aspiração commum — a conquista da liberdade.

E' claro que esta aspiração não podia comportar em 1684 a mesma forma que em 1789 e 1817.

Os échos da revolução ingleza não tinham repercutido nas plagas sul-americanas. Estavam em elaboração os sublimes ideaes que se deviam condensar na famosa encyclopedia do seculo XVIII. Os grande demolidores do velho regimen e os ainda maiores constructores dos tempos novos não haviam surgido. Voltaire, Rousseau e Diderot não tinham nascido.

Bequimão, apesar de «cidadão de S. Luiz» como bem lhe chama João Lisboa, era portuguez de nascimento; naturalmente tinha apego á mãe-patria. Além disso, admittia a escravidão, erro de que, não deve ser muito accusado quando se sabe que um seculo mais tarde era victima delle o grande Washington.

Entretanto, a expulsão dos jesuitas do Maranhão, que aliás defendiam a liberdade dos indios, foi uma tentativa em favor da medida necessaria que 75 annos mais tarde Pombal realisaria, preludiando e preparando a explosão de 1789. Rebellando-se contra o monopolio do estanco e o jesuitismo, depondo os representantes desse duplo poder, o martyr maranhense minava a influencia da metropole e preparava a liberdade industrial da sua terra, precursora da independencia politica.

Domingos Monteiro recorda o drama sangrento do Rio das Mortes em que o paulista audacioso defendeu a integridade do seu territorio contra os assaltos do forasteiro emboaba.

Bernardo Vieira de Mello, o heróe pernambucano, esse queria a republica, mas a republica *ad instar dos venezianos* (1), logo uma republica aristocratica, um estado olygarchico, inteiramente contrario ao verdadeiro ideal republicano, assignalado mais tarde na phase organica da Revolução Franceza, segundo a licção dos encyclopedistas.

A influencia, pois, de Vieira de Mello, a figura mais saliente da guerra dos Mascates, limita-se ainda á de lutador em prol da liberdade industrial, asphyxiada pelos filhos do reino, tanto mais quanto o seu proprio ideal de separação com a formação de um governo de republica medieva não foi acceto pelos revolucionarios de 1710, que só se bateram contra o jugo despotico do governador da capitania de Pernambuco.

Filippe dos Santos, com mais razão ainda, é um paladino das idéas de emancipação puramente material. Elle e os companheiros de 1720 revoltam-se contra os oppressores encargos que traziam para o brasileiro contribuinte as famosas casas de fundição. O crime hediondo do conde de Assumar foi que tornou maior o prestigio civico do martyr mineiro.

Só em 1789, graças á influencia theorica das doutrinas philosophicas do seculo XVIII, importadas de França por estudantes de Pariz e Montpellier, como José Joaquim da Maia e José Alvares Maciel, e ao impulso pratico, dado pela independencia das colonias inglezas da America do Norte, foi que se formulou, de um modo completo, o problema da emancipação politica do Brazil.

A grandiosa idéa não passou de sonho e devaneio para os letrados que a abraçaram e indignamente a repelliram, retractando-se, quando se viram ameaçados do castigo tremendo com que então se puniam os chamados crimes de lesa-magestade. Mas houve entre os celebres conjurados uma incomparavel figura de heróe e de martyr, cuja grandeza dominando o vasto campo da historia deixa bem patente a pusillanidade vergonhosa dos desgraçados companheiros de inconfidencia.

Esse homem, que foi a alma e o braço da mallograda conspiração, não tinha, como outros, a cultura litteraria da famosa *escola mineira*, mas dispunha de conhecimentos, não vulgares na época, sobre engenharia, medicina e principalmente sobre a arte dentaria em que era profissional eximio. Ao mesmo tempo animavam-n'o grandes e ardentes preocupações civicas, tanto mais exaltadas quanto lhe eram conhecidas, por lêr, e ouvir lêr e contar, a historia da independencia dos Estados Unidos e as idéas propagadas pelos escriptores e pensadores da França revolucionaria.

Filho do povo, em relação continua com elle, conhecendo-lhe os soffrimentos de que tambem era victima, corajoso até á temeridade, dedicado até ao sacrificio, não duvidou o immortal Tiradentes tornar-se o chefe real da rebellião, combinada entre muitos, mas só por elle apostolada com verdadeiro entusiasmo pelas capitancias de Minas e Rio de Janeiro.

Emquanto a maior parte dos inconfidentes devanejava, Tiradentes agia, concertava planos, imaginava enredos, fingia adhesões numerosas, levava a uns a esperança no exito, a outros o receio do mallogro, e em alguns despertava sem saber o vil desejo da mais perversa traição.

Da nobre attitude do propagandista intemerato, resultou que os companheiros timidos lhe chamassem leviano, os indifferentes louco e os falsos amigos o trahissem miseravelmente.

A conjuração mallogrou-se; todos os planos foram descobertos; denuncias sobre denuncias chegaram ás mãos de Luiz de Vasconcellos e Furtado de Mendonça, o vice-rei do Brasil e o governador de Minas. Joaquim Silverio dos Reis, Britto Malheiros e Corrêa Pamplona alcançaram a hedionda celebridade de Judas.

Entre os proprios conspiradores surgem os denunciantes. O coronel Francisco de Paula,

(-) CODECEIRA. — *A idea republicana no Brazil*, pag. — CANTO UNO. — *Pernambucanos illustres*, pag. 104.

em cuja casa se urdia o movimento rebelde, é um dos traidores. Todos ou quasi todos accusam o abnegado alferes Silva Xavier, o ardoroso Tiradentes. Injuriam-no, caluniam-no. Esquecem a responsabilidade da sua posição, e entre a gloria da firmeza de convicções e a vergonha de renegal-as no momento do perigo, preferem o alvitre das naturezas fracas, dos animos timidos, pensando assim livrarem-se das penas que os aguardam. Só Tiradentes mantem a coragem de afirmar a sua digna conducta de apostolo da independencia e da republica.

Nega a principio o levante projectado; mas sustenta desde logo o que dissera sobre a tyrania dos governadores enviados pela metropole, e sobre a revolução da America Inglesa. Depois, convencido talvez que se não podia mais livrar para tentar de novo a execução dos seus ideaes generosos, confessa tudo; faz, por assim dizer, a historia da conjuração mineira, no seu celebre interrogatorio de 18 de Janeiro de 1790. Ao lêr esta peça do infame processo, sente-se aquella « nudez forte da verdade », de que fala o romancista.

Tiradentes exclue amigos e não inclue inimigos. Revela todos os passos e todas as combinações. Diz com quem falou sobre a revolução, e distingue nominalmente os que concordaram com o projecto e aquelles que o rejeitaram, mas sem accusar a ninguem. « Respondeu, dizem os autos, que elle até agora negou por querer encobrir sua culpa, e não querer perder r.inguem; porém, que, á vista das fortissimas instancias com que se vê atacado, e o que vê não pôde responder directamente sinão faltando clara e conhecidamente a verdade, se resolve a dizel-a como ella é; que é verdade que se premeditava o levante, — *que elle respondente confessa ter sido quem ideiou tudo, sem que nenhuma outra pessoa o movesse, nem lhe inspirasse cousa alguma... que agora não occultava a mais leve cousa da verdade que a faltar ella seria para se desculpar, o que não faz.* » (2)

O incomparavel patriota não só affirma sobranceiramente a sua responsabilidade mas tambem concentra nelle sómente a responsabilidade dos amigos, e não duvida isentar a de inimigos, como Thomaz Antonio Gonzaga, do qual tinha razões para não ser favoravel, segundo francamente confessa. Todo este procedimento é de uma nobreza rara; revela no protomartyr um character romano, aliado a um coração de cavalheiro medievo, leal, abnegado e terno.

Emquanto Tiradentes se mostrava digno apostolo da causa que defendia, os seus companheiros de inconfidencia negavam toda a participação no levante projectado ou con-

fessavam-na medrosa e servilmente, implorando o perdão da soberania real. Assim fizeram o coronel Alvarenga Peixoto, o Dr. Claudio Manoel da Costa, o desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, o tenente-coronel Francisco de Paula, o Dr. Domingos Vidal Barbosa, os padres Carlos Corrêa de Toledo e José da Silva de Oliveira Rollim, o Dr. José Alvares Maciel.

Todos eram realmente conjurados mas todos renegaram ou denunciaram a conjuração. Entre os implicados com Tiradentes apenas um, o conego Luiz Vieira da Silva portou-se com relativa dignidade. « Era elle, escreve o historiographo da Inconfidencia, o mais instruido e o mais eloquente de todos os conjurados, e houve-se nos seus interrogatorios com muita dignidade. Não se culpou como Tiradentes convertendo a leviandade em confissão heroica. Não lançou a culpa á conta de seus companheiros de infortunio como Alvarenga Peixoto. Não procurou vingar-se pela delação conlojando-se para isso com os Tolledos e os Oliveiras Lopes. Não converteu a amizade em odio e o odio em delação como o padre José da Silva. Não converteu o martyrio em suicidio como Claudio Manoel da Costa. Não argumentou com a logica escolastica e os sofismas de Gonzaga. Defendeu-se com a energia da sua innocencia, com a dignidade de seu merecimento, com o entusiasmo do amor da patria e profetisou a independencia da terra que o viu nascer como afinal veiu a operar-se. » (3)

A não ser a qualificação de leviano dada a Tiradentes, este periodo da enfadonha mas util narrativa de Joaquim Norberto é um dos raros do seu livro em que é exacta a apreciação historica. O conego Luiz Vieira no seu 4º interrogatorio de 23 de julho de 1790, « sustentou o que dissera antes de ser preso como conspirador, que o Brazil poderia seguir o partido de um principe da casa real que para cá viesse, o que não guardava relação alguma com a sublevação, por que eram ideias que o occorriam no decurso de uma conversação. » (4)

Comtudo outras opiniões mais decisivas sobre a independencia e a republica, que eram verdadeiramente as suas e que já havia externado, teve de contrarial-as, renegando-as, pelo natural terror da vingança regia.

Tiradentes fica pois só; é o primeiro e unico dos inconfidentes. O abysmo, que se para a alma nobilissima do celebre alferes, das almas covardes de seus companheiros, foi tragicamente assinalado pelo glorioso martyrio que lhe destinou o despotismo regio, escolhendo-o para soffrer a pena capital. E o pri-

(2) PROCESSO DE TIRADENTES — *Munuscripto da Bibliotheca Nacional*, 1º vol. pag. 144 e segs.

(3) JOAQUIM NORBERTO. — *Historia da Conjuração Mineira*, pag. 354.

(4) JOAQUIM NORBERTO. — *Op. cit.*, pag. 358.

meiro papel, que lhe coube e que o deveu, como diz o historiador maranhense acerca de Bequimão, «aquella natural preponderancia, que é o condão inseparavel dos grandes talentos e dos caracteres elevados» (5), foi assim legalmente reconhecido pela propria infamante sentença que o condemnou á morte.

Ante o supplicio, requintado pela ferocidade do vice-rei que o precedeu de pomposo e macabro cortejo militar, Tiradente permaneceu sereno e forte, ostentando sempre aquella divina coragem que só possuem as almas predestinadas dos heróes e dos santos.

O ardor civico fundiu-se com o entusiasmo religioso. Catholico, tal com podia ser numa época de incredulidade, devoto especial da Trindade, elle mostrou-se na hora suprema digno cultor das virtudes apregoadas pela fé medieva.

Elle que não se curvára ante a vingança dos despotas, que não implorára perdão da sua pretendida culpa, mas, ao contrario, assumira dignamente, com alegria e fervor, toda a responsabilidade do seu apostolado politico, não hesita em dar um exemplo de humildade christã beijando os pés do carrasco.

As suas ultimas palavras recordam plenamente os sentimentos catholicos que o possuíam; ao vestir a alva dos condemnados exclamou: «O meu redemptor morreu por mim tambem assim!» Com estas palavras e aquelle acto de humildade, com o seu cruento sacrificio, Tiradentes realisou, sem pretensões á divindade, o typo do Jesus da lenda evangelica.

Todos os seus defeitos, todas as faltas que porventura tenha commettido na juventude, desapparecem durante aquelles mezes cheios de esperança e logo depois cheios de angustia, em que se consagrou inteiramente á causa da liberdade, até morrer por ella no patibulo infame que elle dignificou e que a posteridade transformou num glorioso altar.

O sacrificio de Tiradentes não foi improficuo. As aspirações a independencia se propagaram dia a dia com maior intensidade do que antes. E em 1817 uma nova conjuração explode em Pernambuco.

Sem ter a influencia e o renome da revolta mineira, sem ter mesmo attingido no momento á importancia daquela, embora tivesse havido principio de execução e produzisse maior numero de victimas da pena capital, a revolução de 1817 é tambem uma precursora, o ultimo generoso e mallogrado esforço para a nossa independencia, que se realisaria emfim, cinco annos mais tarde.

A revolução pernambucana foi para o norte do Brazil o que a inconfidencia mineira tinha sido para o sul.

Emquanto esta abraçava em suas aspirações Minas, Rio de Janeiro e S. Paulo, aquella estendia-se ou pretendia estender-se de Pernambuco á Bahia, Alagôas, Paralyba, Rio Grande do Norte e Ceará.

Em ambas o ideal era a separação e a republica; em ambas a tyrania da metropole gosou o prazer satanico do martyrio dos revolucionarios. Houve commissões militares para julgarem os rebeldes de Pernambuco, como alçadas especiaes para os conjurados de Minas.

Ao despotismo feroz de Luiz de Vasconcellos e do visconde de Barbacena, correspondeu a tyrania não menos odiosa do conde dos Arcos e de Luiz do Rego Barreto.

A' falsa clemencia de Maria I, a magnanimidade tardia do principe D. João.

Mas ao martyrio de um só dos inconfidentes correspondeu o de quasi todos os rebeldes pernambucanos. Emquanto Tiradentes arcou só com a responsabilidade da conjuração mineira, os conspiradores de 17 soffreram todos a pena ultima. Domingos José Martins, cabeça do movimento, o padre Roma, Fr. Miguelinho foram fuzilados. Domingos Theotônio Jorge, José de Barros Lima, Padre Tenorio e outros foram enforcados.

Entretanto, as condições em que se deu a conjuração de Minas, a notoriedade, a grandeza, a pompa com que a revestiu o governo da colonia, ancioso de mostrar-se leal e incansavel servidor da Corôa, as interminaveis devassas os longos interrogatorios, o grande numero de prisões e a figura excepcional de Tiradentes, sobresahindo em meio dos seus fracos companheiros, tudo a tornou o mais notavel dos movimentos preparatorios da nossa independencia e fez de Tiradentes o maior dos seus precusores.

Assim no glorioso inconfidente symbolisa-se a phalange de heróes que antes e depois d'elle se sacrificaram pela independencia da nossa patria.

A festa nacional de 21 de Abril, rememorando os precusores dessa independencia, resumidos no heróe mineiro, evoca em torno d'elle as imagens venerandas de todos esses martyrisados precusores.

Tiradentes é o chefe dessa pleiade de martyres que de 1684 a 1817 aspiraram á liberdade da patria brasileira, á sua independencia industrial e politica, á formação de um novo paiz pela fragmentação de uma grande nacionalidade. Em torno do martyr supremo se agrupam os mortos immortaes que se chamaram Manoel Bequimão, Bernardo Vieira de Mello, Filippe dos Santos, Domingos Martins, Theotônio Jorge, Fr. Miguelinho, Padre Roma e outros e outros que a historia enumera, ou se perdem na immensa galeria dos anonymos sublimes.

Rio de Janeiro, 21 de Abril de 1907.

REIS CARVALHO.

(5) JOÃO LISBOA.—Apontamentos para a historia do Maranhão, in *Obras completas*, 1.^a ed., 3.^o vol. pag. 239.

NO EXTREMO ORIENTE

(CAPITULO DE UM LIVRO EM PUBLICAÇÃO)

COSTUMES E MANEIRAS

O viajante apressado por dizer das imagens que se lhe formam na retina, ha de illudir-se no Japão. Essa terra tem attractivos que suggestionam... Por isso, quando por sobre as aguas do formoso mar interior, se entra de apreciar o gracioso de paisagens que se des-cortinam desde Shimonoseki até Osaka em uma seducção de contornos e de relevos es-plendentes, já se não tem a alma na posse de plena liberdade para ver e julgar o que vae em torno. Assim ao chegar ao bello porto de Yokohama, o observador que almeja a justesa dos conceitos, a propriedade ou exactidão dos juizos, precisa de precaver-se contra os erros naturaes da impressionabilidade do seu espirito. Aliás, serão as suas palavras o reflexo das caricias da natureza nipponica!... Não poderá approximar-se da verdade, maravilhado que se acha pelo spectaculo dessa natureza sur-prehendente!... Emitirá opiniões absurdas pelo exaggero nos louvores!... No Japão, tudo lhe parecerá extraordinario, singular, incompa-ravel...

Porém, mais tarde, pela convivencia de mezes e mezes com a gente japoneza, começa por entediar-se... Já a fulgencia de alegrias das primeiras horas se empallidece, se reduz e se extingue na sombra de melancolias que não



GRUPO DE CRIANÇAS

cessam de crescer na successão de outras horas. Tambem aquelle exaggero nos louvores se modifica... A verdade no entanto é que a imparcialidade da critica elle não a conhece. Agora o entusiasmo da admiração já não existe; ha o desanimo de lamentavel desgosto contra tudo... Chega-se mesmo a pensar que o Japão arranca todos os estímulos para os labores da intelligencia!... E o viajante nessas condições continua de permanecer afastado da realidade dos quadros que se lhe projectam na camara do pensamento. O prisma que lhe serve de lente, offerece amplificações condem-naveis. Ainda mais: deforma, adultera as ima-gens...

Lembra-me a historia occorrida com um recémchegado ao Japão. Fôra fazer uma vi-sita a um japonéz, morador em Tokio. Pre-parara-se para a solemnidade almejada. Nada lhe faltara, que até o monoculo dos elegantes conseguira ajustar de encontro aos tecidos molles da cavidade orbitaria direita. *Estava na linha, estava correcto*, disse-me elle. Mas ao pretender transpor os humbraes da casa amiga, tal como ali chegara, com os pés calçados em vistosas botinas, sentiu-se impossibilitado de levar a effeito a pretensão de pisar com a poeira das ruas o amarello-claro de esteiras rectangulares. *Dôsô, gômen nasai!* fa-lou-lhe repetidas vezestodo risonho o japonéz amigo, com uma gesticulação expressiva dos modestos desejos que alimentava. E meio contra-feito, dominando a custo a contrariedade do momento, obtempera o estrangeiro — *But, all right!*... Ao que então, deixando o delicado *Dôsô gômen nasai*, proseguiu o japonéz, por entre um riso, agora sem espontaneidade, ab-solutamente forçado, — *But, that is too bad!* e



CUMPRIMENTOS



UM CASAL REGRESSANDO DO CAMPO DE ARROZ

apontava as vistosas botinas do elegante estrangeiro, que, por fim de contas, compreendeu o que lhe cabia fazer, e sem demora descalçara os desenvolvidos pes... desenvolvidos e de aspecto desagradavel...

Ora, esse senhor que se viu na dura necessidade de mostrar esses pedaços esfarrapados de muita elegancia exterior, descobriu logo e logo na expressão japoneza *Dôso gômen nasai* a inconveniencia de um selvagem, a desinvoltura de um homem pouco educado!... «Qual!» exclamava elle ao cabo dessa historia que me narrara ainda cheio de aborrecimento — «qual! essa



REFEIÇÕES

gente não tem civilização!... Pois, ser eu obrigado a tirar as minhas botinas para entrar em uma simples casa de um japonéz!!!...»

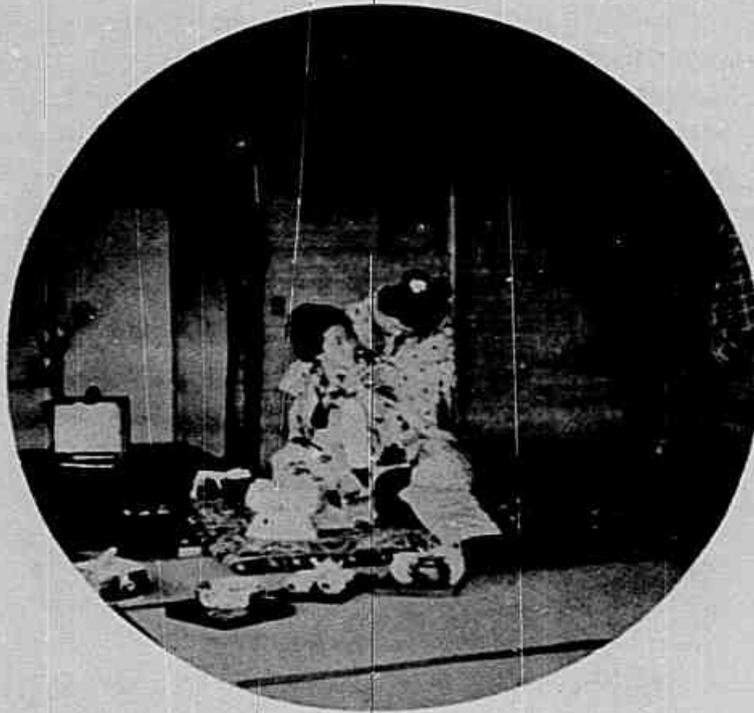
Ainda me acode ao espirito facto porventura brutalmente característico do máo humor do estrangeiro em plagas do Japão. No *Hotel Metropole*, em Tokio, jantava um francez que se julgava bastante conhecedor da psychologia japoneza. O cidadão estava a regalar-se com os bons pratos que comia, ares joviaes de um epicurista consumado. Rapido no entanto, escuta os leves ruidos de alpercatas de palha, de sandalias cujas tiras são revestidas de veludo desta ou daquella côr. Volta-se para o lado em que se produzem os ligeiros rumores dos *zori* japonezes. Viu filhos do imperio do Sol Nascente em direcção de larga mesa toda coberta de flores. Homens seguiam na frente, e vinham depois senhoras e senhoritas com passos curtos, pequeninos pés voltados



UM JARDIM EM TOKIO

um para o outro em uma graciosa obliquidade que é bem a manifestação do coquetismo japonéz em meio das mulheres, sejam velhas, sejam moças. E essa gente, embora sem as *guêta* que a fazem caminhar com pequenos saltos e forte inclinação ou curvatura para a frente, assim em instavel equilibrio interessante, comtudo com os pés nos seus *tabi* brancos e *zori* amarellados, balançava levemente o corpo, ligeiramente se bamboleava com ares galanteadores.

Ora o citado francez, todo olhos arregalados para esses japonezes, observa-lhes a figura de nacionaes e deixa ver o desgosto que sentira em dando de chapa com os pequeninos pés nipponicos, sem o verniz de botinas quaesquer, sem a compressão deformadora de botas rigorosamente pretas, assim na brancura do marmore de bem ajustados *tabi*, então mais



A CAMA DE DORMIR

em destaque pelas tiras, aqui verdes, alli azues dos amarellados *zori*. *Boy*, exclamou irritado o pretendido psychologo que tanto se arrogava o titulo de conhecedor das coisas do Japão e da propria psychologia japoneza, *tak of my boots!*... É o homem, com surpresa de quantos se achavam no grande salão de refeições do Hotel Metropole, começava de se descalçar, quando varios amigos e eu nos levantamos do logar em que estavamos e desse modo saímos do referido salão para não sermos espectadores de scena tão desagradavel.

Ser-me-ia facil continuar a narrativa de factos do teor atraz indicado. A vida de mais de um anno em meio do Japão, revelou-me um sem numero de quadros e todos completos da grosseiria, do desdem ou desprezo que votam a japonezes estes e aquelles representantes da civilisação européa. Esses occidentaes, que falam em nome da moral de Christo e vieram de conquista em conquista desde os primeiros tempos ate os dias de hoje, se julgam os directores eternos dos povos do planeta, se imaginam os vencedores poderosos nas grandes luctas que se travam pelo mundo e querem pisar o sólo da Asia com a irritante superioridade de conquistadores deshumanos. E se no Japão os nacionaes lhes não seguem os habitos, riem-se, e fazem motejos desses habitos...

Ora como estranhar que japonezes alimentem certa dose de desconfiança contra filhos de outros continentes? Como achar novidade na pontinha daquelles em meio das relações de negocio ou de cortezia com estes?

E no emtanto é tão bondosa a alma japoneza que não raro ella se deixa penetrar pela curiosidade do estrangeiro, cujas maneiras con-

trastam com a affabilidade das medidas nipponicas. Na verdade, são os japonezes naturalmente reservados. Mas a reserva delles é menos oriunda do orgulho que da modestia. Não se descobre arrogancia no character dos filhos do Dai Nippon.

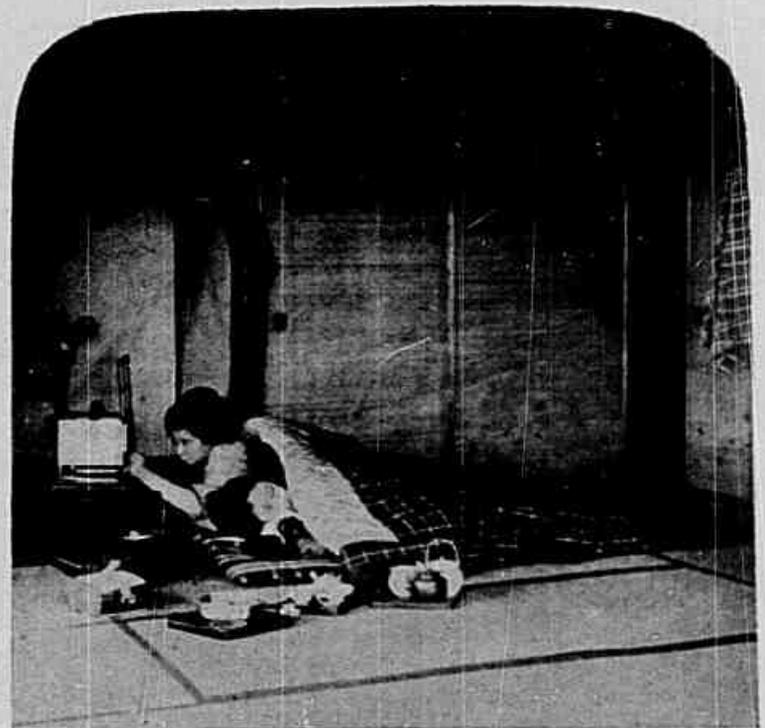
E ai de nós! elles possuem motivos de sobra para legitimo orgulho nacional. A Russia acaba de ser batida no mar e na terra pelo pequenino Japão. E a Russia era o gigante que aterrorisava a propria Europa!...

Mas não perderam jámais a cabeça os bons japonezes, após as successivas victorias contra as forças do Czar. No theatro da guerra, não faziam prestitos como os que pude ver em Tokio e em Yokohama. E alli, e tambem pelo Japão afóra, não iam alem de *banzais* entusiasticos as manifestações das suas alegrias collectivas. Que sobriedade tem essa gente japoneza ate nas suas proprias expansões de contentamento nacional!...

No emtanto, como essa gente se revela transformada, sem essa sobriedade classica, toda abundante de expressões amaveis, nas suas saudações quotidianas!...

Vêde, leitor benevolo, as duas japonezas que alli estão. O riso lhes não sahe dos labios carminados. E falam ambas, successivamente, uma após outra. Mas ambas se curvam simultaneamente; uma e outra ao mesmo tempo se inclinam para o chão.

Cumprimentam-se. Não ha entre ellas nem beijos, nem apertos de mãos, nem abraços. Mas existe uma corrente de affectos alimentada pela sinceridade de dois corações que nasceram para o amor filial, pelo qual se sacrificam sobretudo as creaturas femininas do Dai Nippon.



MANEIRA DE DORMIR

E tambem se cumprimentam aquelles dois japonezes... Cabeças descobertas, chapeos nas mãos, lá elles se conservam em forte curvatura, o tronco em angulo recto com os membros inferiores. E reciprocamente se dizem phrases delicadas, em abundancia de sentimentos bons. Estão cheios de alegrias. A cada phrase amavel, sorvem um pouco de ar, assim produzindo sibilante ruido por entre os dentes e na cavidade da bocca, onde os musculos labiaes se movimentam, se retraem de modo original.

Mas alli na casa fronteira que é japoneza, casa sem porta nem janela; alli, por sobre as alvas palhas de finos *tatamis*, não se acham de pé, honrando-se, venerando-se, os dois seres humanos que podeis contemplar, leitor amigo, do logar em que nos encontramos... Observae esse homem e essa mulher, ou esses dois homens, ou essas duas mulheres, que o vestuario é quasi o mesmo, e a mesma é a delicadesa no tratamento. Não se acham de pé, como vol-o affirmei, senão em attitudo humilde, accionada a articulação superior do femur de maneira a se dobrar por cima da côxa todo o tronco, e estendidas as mãos sobre os *tatamis*, mãos que, nessa attitudo humilde, porem, de profundo respeito, se espalman e formam com os indicadores e os pollegares dois trian-

gulos isos celes dentro de cuja area parece tocar de quando em quando, e cada um no triangulo correspondente, o nariz dessas duas mulheres ou desses dois homens ou dessa mulher e desse homem que o vestuario não os distingue á primeira vista, e sempre os confunde a gentileza das cortezias.

Mas, se a polidez não é entre nacionaes senão entre japonezes, e representantes da civilização occidental, observa-se logo o retrahimento dos primeiros, a calculada reserva em que elles se occultam, muito embora a affectação dos segundos que em geral são homens do commercio—

ordinariamente apressados, e não raro meio asperos, seccos, insensiveis ás boas maneiras das relações humanas.

E esse retrahimento é justo, e essa reserva perfeitamente justificada.

Esses homens do commercio, fingindo se lhanos e agradaveis, esmerando-se ridiculamente em emoções que não sentem,— inspiram



GEISHAS EM PASSEIO



JAPONEZAS FAZENDO MUSICA



ALEGRIAS INTIMAS PELA ENTRADA DO NOVO ANNO

desconfiança, desagradam, descontentam, e vão mesmo ao ponto de irritar ao mais calmo dos filhos da terra do Sol Levante.

Estarei achando justa a palavra *baka*, de aspereza na sonoridade como na significação, palavra que as creanças japonezas gostam de proferir em avistando o que elles chamam— *ijin-san*?

Não. Mas estrangeiros ha que bem merecem o epitheto.

Realmente, ha graça nessa gente japoneza... Encontram-se dois *sê-yo-jin*. Apertam-se as mãos, e começam de palestrar em plena rua.



SOLDADOS TOMANDO BANHO NA MANDCHURIA

Passa um japonéz com rumo certo. Vae tranquillo ao seu destino. Porem a palestra do *sê-yo-jin* lhe despertou curiosidade. Volta sobre os seus primeiros passos, e se approxima dos palestradores. Quer ouvir a musica da lingua dos dois estrangeiros. E já bem proximo desses dois estrangeiros, sente-se contente e feliz...

No emtanto esse contentamento e essa felicidade elle não póde gosar egoisticamente... Vem um outro japonéz. E mais outro... E mais outro... O grupo cresce. Formara-se com dois homens apenas. E já é numeroso o grupo de que se trata.... Saciam os nacionaes um prazer que lhes é delicioso. Estão elles risonhos, e qual a qual examinam o gesto, o vestuario, as botinas, o chapéo, tudo emfim dos dois estrangeiros, alvo da attenção ou dos olhares de todo um povo de curiosos.

Mas a conversa chega ao seu termo. E esses dois estrangeiros que sabem viver no Japão, se entreolham risonhos como os japonezes, e como elles proferem, cada um por seu turno: *sai-á-nará!*...

E lá se vão caminho em fóra. E assim tambem os nacionaes, que silenciosamente se reuniram, se agruparam de em torno aos dois *sê-yo-jin*. Não é deveras interessante essa curiosidade japoneza?

Mas ella sobe de ponto, quando creanças, estudantes e velhos acompanham este ou aquelle estrangeiro nas suas perigrinações pelas ruas de qualquer cidade do Japão. A cada

momento de parada em frente a uma vitrina ou deante de um balcão... (mas, que estou a dizer? se as casas japonezas nao conhecem o luxo de uma vitrina nem a commodidade de um balcão!...) a cada momento de parada defronte de moradias escancaradas, moradias que são ao mesmo tempo deposito de mercadorias, armazens em que as varias peças de commercio, os diversos artigos de venda se conservam pelo chão,—se os estrangeiros ali interrogam o preço deste ou daquelle objecto, os nacionaes, que lhes vão ao encaço, principiam com basbaquice lamentavel a se espantar de tudo, patetas que temperam a garganta para encontrar motivo ao riso alvar que se lhes debuxa pelos labios.

Não será tudo isso a manifestação por excellencia da ingenuidade do povo japonéz? Ou esse riso ha de significar talvez o complemento do quadro de uma provocação á petulancia de *barbaros* de uma civilisação, em que a força traça linhas de conducta para os povos e para os governos?!

Ah! não... Esse riso é simplesmente adoravel. Traduz a bondade dos japonezes. Vale a expressão do altruismo dessa gente. Pois não se sabe que esses bons japonezes, mesmo golpeados por dôres lancinantes, sorriem e sorriem sempre?!...

Lembra-me que um dia fui visitar em Tokio uma distincta familia japoneza. Cheguei á porta, fiz annunciar-me, e comecei de tirar as minhas botinas. Quasi todos da familia vieram



JAPONEZAS EM UM RESTAURANT NACIONAL

ao meu encontro. O dono da casa, esse se revelava como nos outros dias: — amavel, todo risonho. Mas a senhora delle e as meninas, a

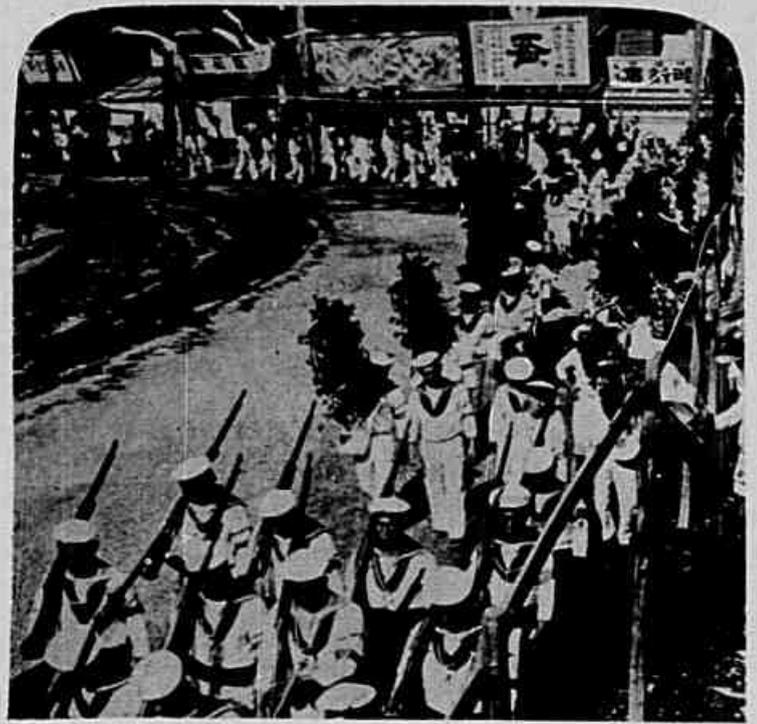
despeito do sorriso que lhes contrahira os labios, haviam os olhos banhados de lagrimas abundantes. E uma dessas meninas logo e logo me dizia: *Akambô shinima shita!*...

Compreendi imediatamente a razão de ser dessas lagrimas. E entrei, já tranfigurado, envolto em tristezas que pesavam sobre o meu organismo. Acompanhado de todas as pessoas da familia generosa e boa, fui seguindo até a sala em que, por sobre a propria alvura do *tatami*, estava no repouso eterno, e toda coberta de flores, a creança momentos antes falecida. Pezaroso contemplei a pequenina morta e... chorei. Porque me parece coisa desoladora o morrer na idade das flores, na ignorancia do mundo, na ingenuidade em que vivera até hoje esta encantadora menina. Ergo os meus olhares, lanço a vista em derredor, e toda a gente possuia amavel sorriso para o o brasileiro excessivamente sentimental.



O EXERCITO EM MARCHA FUNEBRE

Não é que os japonezes não se commovam. Emocionam-se e bastantê. Mas o codigo da sua moral publica, o *Bushido*, synthese de todas as regras e preceitos da nobre conducta dos filhos da terra do Sol Nascente, lhes prohibe a communicacão de pezares. A felicidade dos outros não deve ser perturbada pelas nossas desditas, — eis como pensam os japonezes de todas as classes. E dahi o dominio que elles têm sobre si mesmos, dominio que ninguem sabe conseguir como qualquer descendente de *Amaterassú*. Naquella terra de guerreiros, o homem que triumpha sobre a sua personalidade, vale mais que o victorioso de mil batalhas. Porque, são japonezes que o declaram: «Fracassa a omnipotencia de um deus, quando este pretende reduzir á derrota a victoria do homem sobre si mesmo.» Essa victoria, não ha duvida, é extraordinaria.



A MARINHA EM MARCHA FUNEBRE

Contara-me clinico illustre um caso interessante de sorriso japonês. E esse medico, o Dr. Takigushi, trazia os musculos da face contrahidos na expressão de captivante sorriso...

Um inglez, havia como seu empregado, um pobre *samurai*, um originario da aristocracia japoneza. O japonês era velho e cumpridor dos seus deveres, enquanto que o seu patrão ainda moço gostava mais das bellas pandegas do que da seriedade dos seus negocios. Um dia, o homem que em outro tempo não apparecia em publico sem os seus dois sabres, estava todo curvado deante do seu chefe, e assim respeitadamente o cumprimentava como



RECEPÇÃO DE UM GLORIOSO SOLDADO

em dias anteriores. Sorria o bom japonês... E a sorrir, curvara-se tres vezes na presença do subdito da Inglaterra. No momento, essas curvaturas irritaram o animo do negociante estrangeiro, que ameaçou despedir o seu correcto auxiliar, se elle continuasse com as saudações indigenas. O empregado sorriu mais uma vez, e se poz a caminho para os seus labores. No dia seguinte, repete-se a mesma scena. No terceiro dia porém, o inglez levanta o braço e pretende esbofetear o japonês. Mas este possui agilidade que aquelle não tem. O offendido subjugava o offensor. Está a ponto de o castigar merecidamente. Generoso, porém, cede ás supplicas de quem não sabia comprehender a nobresa do seu coração. Abandona o miseravel. E parte, levando intacta a grandeza dos seus sentimentos de homem trabalhador e honesto. Tambem aquelle delicioso sorriso de extrema bondade que fizera a furia do inglez, que é gente calculadamente calma e fria, esse bello sorriso se transfigura em justissimo castigo, fulminando, pelo escarneo, pelo desprezo, o petulante dinheirinho, rico de libras esterlinas, porem pobre, pauperrimo de virtudes humanas. O japonês sorria por ultimo...

Mas esse derradeiro sorriso era bem differente dos outros com os quaes sempre fôra saudado o inconveniente e audacioso inglez. E' que o sorriso japonês, com ser genuinamente bom, estontêa não raro, e ás vezes dóe como um latego.

Mas noto que o classico sorriso dos filhos do Japão já se vae modificando a pouco e pouco. A medida que o individuo se eleva na sociedade, esse sorriso se apaga aos olhos do mundo. No emtanto a mesma antiga gentileza, essa ainda se mostra nos nobres salões da aristocracia japoneza.

Deixei narrada, por ventura até aos seus menores detalhes, a historia de um caso interessante e grave. Porém mais grave e mais interessante é o que se vae ler:

Fizera-se professor de japonês velho *samuraí*, dos tempos em que se permittia o uso dos dois sabres—o *kataná*, de vinte e sete centímetros de comprimento, arma de combate, e o *waki-sashi*, pequena arma para o suicidio em caso de desastre nesta ou naquella lucta, suicidio por meio da abertura do ventre, suicidio esse que tem o nome de *hara-kiri*. E amigo em extremo de um dos seus discipulos, procurava-o com frequencia. Mas entre o mestre e esse alumno surgiu, no correr de muitos dias, alteração profunda nas relações de ambos. Não obstante era impeccavel a cortezia japoneza. O mestre todo risonho se curvava deante do discipulo que não sabia do-

minar-se. E acontece que, de uma feita, já sem calma o estudante, despede este o professor. Vá embora!... Não me aborreça!... E o professor, sempre risonho e em largas curvaturas, agradecia a gentileza do estudante... Por fim este se encoleriza e, de um salto, agride ao velho *samuraí*... Mas o japonês já estava tranfigurado; collocou-se á altura da situação. E o *kataná* lhe brandia nas mãos, o *kataná* fóra da bainha, e reluzente, e afiado, afiado como excelente navalha.

Nisso, amigos do estudante apparecem, e evitam o tremendo castigo.

O mestre, em lucta consigo mesmo, guarda a sua arma branca, mettendo-a na bainha que lhe pende na cintura. Segue o seu caminho. Entra em casa. Contempla em uma mudez absoluta mulher e filhos, e vae em direcção de um templo—o mais proximo da sua moradia. Ahí, ajoelha-se. Toma o seu *waki-sashi*, e rapido começa de rasgar o ventre, suicidando-se porque—dizia elle aos seus deuses no momento supremo da dolorosa agonia—« não posso e nem devo sobreviver á deshonra que não pude vingar como era mister em face dos brios de um *samuraí*!... »

Bôa gente, e bôa, e nobre, essa gente do Japão...

Mas aqui estou a ouvir que se me diz, embora muito baixinho:

« Bella bondade e bella nobreza, quando para alimentar-as ahí está a immoralidade dos casamentos á praso das meigas filhas do Sol Nascente!... »

Casamentos á praso, eu não os vi no Dai Nippon. Sei no emtanto que aos desejos lascivos de qualquer *barbaro* do occidente, não correspondem senão com certa descrição, com calculada reserva, as boas japonezas. E quando algum *barbaro* se não sabe dominar e se mostra na pequenez da sua grande lascivia, então é de ver que se imaginam cerimoniaes que possam garantir aquellas boas japonezas contra os máos impetos desse *barbaro*.

Dessa maneira, essas cerimoniaes illudem. A mais de um tólo ellas apparecem como a forma de um casamento... Creio até que o *barbaro* se convence da seriedade da sua condição de nubente. O pallido da sua physionomia é um symptoma das altas emoções do momento *solemnissimo*...

Mas depois, elle começa de julgar o caso verdadeiramente interessante. Está no emtanto ainda convencido de que se casou... *Casou-me por tantos mezes com a Kikú-san!... A coisa tem graça*... E vae elle assim monologando, sem perceber da zombaria com que foi bigodeado pelos intelligentes japonezes.

São assim os taes casamentos á praso, casamentos de pura phantasia a que tem alludido mais de um viajante no Extremo-Oriente.

A verdade é que o concubinato não se consegue no Japão como nos outros paizes. Lá está cercada a concubina de garantias, que sómente se conhecem na terra do Sol Nascente. E essas garantias existem e se impoem, porque não acreditam os japonezes nas demonstrações de affectos dos filhos da civilização do occidente... «*Esses barbaros não sabem o que é o amor!*» dizia-me um dedicado amigo japonéz que me fazia a honra de abrir-me a sua casa e revelar-me os segredos da sua alma como carinhoso irmão, que assim era o tratamento que elle me dava. E acrescentava: «*ah, meu amigo, tudo vae materializado por essa civilização do occidente. Mas nós japonezes nos quedamos tranquilllos deante do ideal, onde encontramos as energias que nos impellem para a frente. Que vale a vida sem os nobres impulsos do ideal?*»

Assim o japonéz tem o cerebro illuminado por grandes pensamentos, ou quando está em via de ser concubinario, ou quando se transforma em verdadeiro nubente—almejando a união legitima com a querida dos seus sonhos, ou quando na hora de algum perigo para a patria se arma, se appareilha para fazer a defesa do *Yamato*, se faz soldado e corre aos campos de batalha para levar por deante essa defesa, custe o que custar, com o sacrificio mesmo da sua propria vida.



INVERNO NO JAPÃO

E esse sacrificio elle o aspira como aquelle intemerato coronel Oshima, que, de regresso á Tokio, ao cabo da guerra russo-japoneza,

me explicava a razão de tristezas que lhe iam pela alma, dizendo-me: «*Bem eu quizera morrer em meio dos combates, porque os meus filhos poderiam ter uma memoria sagrada para lhe devotar sincero culto.*»



ENTRADA DE UM TEMPLO

Mas aquellas cerimonias do casamento japonéz merecem aqui registradas.

A noiva está toda de branco. E tem ella os olhos vendados, ou por uma especie de capacete cuja armadura se faz com a propria fazenda branca de que é constituído, capacete que cobre toda a nuca e grande parte do nariz da tímida nubente, ou por uma simples faixa de tecido branco enlaçada pelo frontal e occipital em que se suspendem as ataduras correspondentes. Senta-se. Tambem se senta, como ella, o seu futuro senhor.

Senhor, escrevi eu, e de proposito. Porque no Japão a mulher obedece de modo absoluto, sem hesitações, á autoridade do seu marido. E a propria côr branca do vestuario da noiva, indica-o para os que entendem dos habitos e costumes do Dai Nippon. Essa côr é a do luto japonéz. Ha ahí um symbolo, que se traduz pela independencia completa da rapariga em relação á sua familia; essa côr branca lembra que ella está morta para os seus proprios paes.

Mas alli os noivos se acham sentados sobre pequeninas almofadas. E em torno delles estão todos os parentes. Jantam. Agora é o momento de beberem um pouco do vinho nacional. Os noivos levam aos labios—e tres vezes—rubras taças de madeira e laca magnificas. Assim, sorvem o precioso *sake*, extrahido do arroz. E está tudo terminado... O casamento está feito;

e nada mais resta do que levar ás autoridades do districto o conhecimento do mais delicado dos contratos humanos.

Ora isso parece de uma simplicidade perigosa. Abusos poderão ter lugar. Os impedimentos, por parentesco, por laços de consanguinidade, ou por motivos de outra ordem, não os conhecerá porventura o canon japonês. Mas, como vão longe da verdade os que emitem o conceito da possibilidade desses abusos ou da inexistencia desses impedimentos!... Porque se condemnam, allí no Japão, relações maritimes que as tolera a Igreja Catholica, e as sancionam as leis civis dos povos da civilização occidental.

Ah! leis ignorantes que augmentam a instabilidade do equilibrio das populações do planeta... Onde pretendem a ordem, surge a desordem. Desorganizam, *organizando*, ou melhor — pensando que organizam... Sois a medida exacta da ignorancia dos legisladores que aspiram crear, quando sómente deveriam, como os legisladores do mundo physico, descobrir leis naturaes no mundo moral em que ha conflictos interminaveis, porém, onde tudo se encaminha para o bem no goso das mais puras alegrias...

A questão é de costumes e maneiras, e não de leis novas. O problema, pois, se resolve com a familia e a escola. Paes e professores são os grandes modeladores de povos.

Onde uma lei civil formulada pelos legisladores, ou mesmo uma lei religiosa para os japonezes presenteariam aos seus vizinhos com iguarias nacionaes preparadas adrede, e que recebem o nome de *sôbá*? E, entretanto, desde que uma familia vae ocupar uma casa nesta ou naquella rua, desde que para ali se muda, dirige-se ella aos negociantes ou aos vendedores ambulantes ou não dessas iguarias que estão dentro em pequenas caixas rectangulares, e compra tantas pequenas caixas quantos são os vizinhos que lhe móram parede e meia, e mesmo quantos os que sem essa contiguidade residem em habitações das suas proximidades. Momentos depois de feita a mudança, lá segue ao encontro dessas habitações em procura desses vizinhos, ou creados ou creadas da familia de ha pouco installada no

quarteirão ou na rua de que se trata, e essas creadas ou esses creados assim entregam a quem de direito os gostosos presentes que satisfazem ao estomago dos mais exigentes e cream amizades no espirito dos mais impetrateveis. Dessa maneira não se mostram indifferentes, uns com os outros, os moradores de uma mesma vizinhança. Cumprimentam-se e devéras se estimam.

Ah! a estima japoneza... Não sabe ella tolerar fraquezas que degradam.

E uma dessas fraquezas está na condição de prisioneiro de guerra. No Japão prefere-se a morte a essa triste condição. Ora, por isso, paes de soldados — muitos delles — aconselharam aos seus filhos, que cahiram com vida em mãos dos russos, a não macularem o nome dos seus ascendentes — tornando ao lar paterno depois da expiação que elles consideram infamante... É quantos suicídios tiveram lugar longe do Yamato ou mesmo dentro no Japão, no interior deste ou daquelle templo, tão só em observancia aos conselhos de carinhosos parentes, pae, mãe, esposa, irmãs, irmãos!... Porque, segundo uma velha doutrina de Takeda Shinguen, os guerreiros devem antes abrir o ventre do que se entregar prisioneiros. E na peleja não cairão senão feridos pela frente. Sim, será deshonrado um *samurai* ou filho de *samurai* que receber ferimentos pela retaguarda!...

Ora, para tudo isso, não ha leis civis, não ha leis religiosas. Ha ahí costumes e maneiras que se transmitem pela tradição. Existem habitos inveterados com os quaes se conformou a alma de um povo.

E, por essa razão, o bom japonês que sabe dar recepções á européa, e come correctamente á européa, e veste na moda do ultimo figurino europeu, — desfructa aprazimento indizível quando recebe á japoneza, e quando póde comer com os *hashi*, e quando traja o seu vestuario nacional, commum aos dois sexos, vestuario de largas mangas em que se dispensa o uso de camisa, de ceroulas e de calças. De pé, ou sentado, ou mesmo com as mãos estendidas no chão, corteja aos que o visitam e com riso que se não póde apreciar nos seus labios no momento em que se acha nas re-



ACROBATAS EM PLENA RUA

cepções á européa. E armado de faca e de garfo, tem saudades das pequenas hastes de marfim ou de simples madeira branca com as quaes leva á bocca os seus bons bocados de arroz e de peixe, sem haver a lembrança que lhe despertam esse garfo e essa faca...

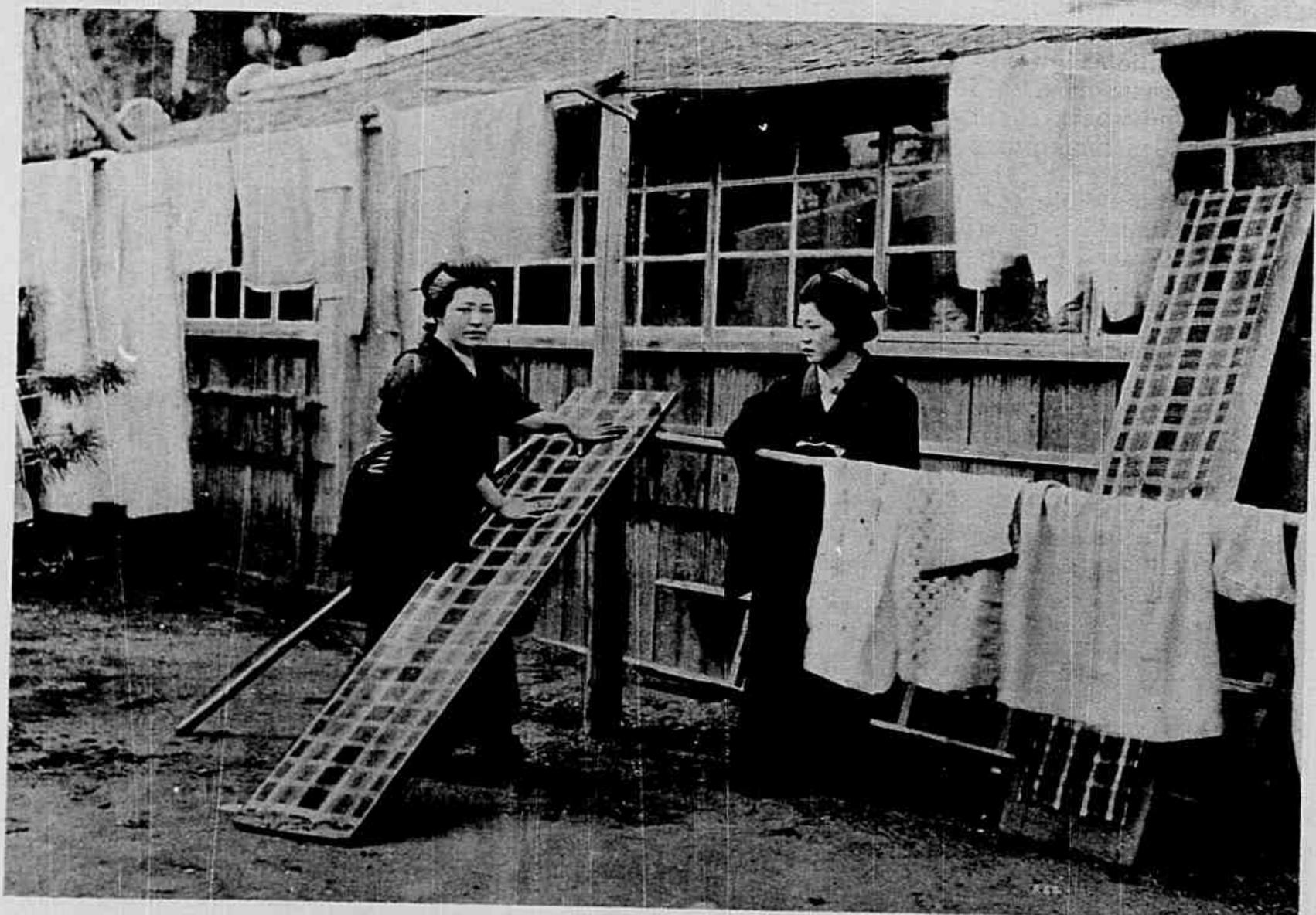
E que lembrança essa!... Pela primeira vez em que japonezes tiveram de comer á européa, mais de um lançou olhares investigadores para o que havia por sobre a mesa, e sem demora quasi todos os japonezes estavam convencidos de que a manteiga ali existente era nada mais e nada menos do que uma pomada para ser de chofre utilizada no caso de alguma erosão aberta nos labios com o manejo do garfo ou mesmo com o emprego da faca... Que alegre lembrança! E como um bom japonês não se domina deante de europeus, soffrendo de garfo em punho a zombaria que lhe produz a recordação dos primeiros tempos, em terra do Yamato, do uso da manteiga!...

Aquella gente tem graça... E é, com effeito original desde os seus calçados (*guêta* e *zori*) até aos seus penteados, que em outras epochas distinguiam um *samurai* do resto dos homens;

e hoje apenas differenciam as mulheres. Assim pela compostura do cabello de uma *mussumê*, logo se sabe que ella é casada ou solteira. E até se lhe conhece a profissão. As *gueishas* possuem um penteado característico. E, como as *gueishas*, — as infelizes prisioneiras das cidades da noite, dos logares da prostituição, dos *Yoshivara*, dos *Yukaku*, sejam essas infelizes *oiran* ou *djôro*,

Mas toda aquella gente veste *kimonô* de largas mangas e usa lenço de papel, lenço com que se enxuga o suor do rosto; e não raro torcido, enrolado sobre si mesmo, adquire resistencia tão grande, que vale como um cordel precioso.

Aquella gente não dispensa os seus *furoshiki* de todas as côres e qualidades, com os quaes encobre os objectos que conduz consigo mesmo, sejam esses objectos livros, leques, porcelanas etc. etc. E eu gostava de ver os estudantes japonezes com os seus *furoshiki* azues, verdes, amarellos, *furoshiki* que occultavam os seus impressos e cadernos das vistas dos curiosos, e faziam realçar a modestia desses estudantes, que estudam e não exhibem livros pelas ruas.



LAVADEIRAS



PREPARO DO ARROZ

Aquella gente experimenta agradável sensação com os seus banhos de todos os dias, á tardinha, banhos cuja alta temperatura dissolve as gorduras do corpo, e são com effeito deliciosos calmantes... Ah! é de ver como um bom japonéz se porta nesses banhos em que a fumarada de vapor indica que não está longe a ebulição da agua!... Tudo lhe vae bem com a pequenina toalha que elle mergulha nessa agua, e com a qual effectua o ensaboamento de que precisa, e se enxuga embora a humidade dessa pequenina toalha. Entretanto, não ha estrangeiro que supporte a elevada temperatura desses banhos!

Aquella gente já nos tempos do grande homem, que se chamou Toyotomi Hideyoshi, —sentia-se feliz nas suas ceremonias do chá. Ainda hoje esquece as miserias do mundo, com essas ceremonias em que a gesticulação dos convivas no meio de profundo silencio, impede o espirito de pensar em coisas vulgares, de lembrar feitos brutaes da bruta força, de acordar sentimentos grosseiros. Nas ceremonias do chá, medita-se como philosopho, sonha-se como poeta. E a poesia e a philosophia que ahi occupam a imaginação de homens e mulheres que se olham compassivamente, todos sentados ao chão, essa philosophia é de fraternidade, bem como de ternura essa poesia.

Aquella gente ainda se abriga dos raios do sol ou das aguas das chuvaradas, com guarda-sol ou guarda-chuva de papel e armação de bambú, guarda-chuva ou guarda-sol de ampla cobertura plana toda arredondada nos limites de grande circumferencia.

Na primeira noite que passei no Japão, tudo estranhei... A noite, escura. A illuminação da cidade, francamente má. Depois eu encontrava pelas ruas homens e mulheres — estas e aquelles cegos — que sopravam uma mesma nota plangente em assobios de bambú. Eram massagistas que se annunciavam... Mas aos meus ouvidos tambem chegavam outros ruidos: — *tlen, tlen, tlen*... annunciadores de qualquer coisa. Aqui eram sómente homens, especie de guardas nocturnos que, passo a passo, percorrem vielas e ruas largas avisando aos moradores contra as possibilidades de incendio.

Mas se esses moradores estão a dormir, e não se acordam com esses ruidos?!... Pouco importa. O dever tem de ser cumprido. *Tlen, tlen, tlen*... E lá vão, passo a passo, esses homens, seja noite de luar, ou noite escura de inverno rigoroso.

MOREIRA GUIMARÃES.

RIO DE JANEIRO

NOTICIA Geral, Historica e Descriptiva da Cidade

— por —

FERREIRA DA ROSA

Edição da Prefeitura

Illustrações photographicas de toda a cidade, inclusive
seus ultimos melhoramentos

IMPRESSÕES E GRAVURAS DAS OFFICINAS

—KOSMOS—

Brochura 15\$000

Encadernado em marroquim . . 20\$000

REMETTE-SE AOS ASSIGNANTES DA
"KOSMOS" COM PORTE FRANCO MEDIANTE VALE POSTAL

A VENDA NA
RUA DA ASSEMBLÉA, 62

POR DARWIN

(CONTINUADO DO N. 3 D'ESTE ANNO)

CAPITULO IV

Peculiaridades sexuaes e dimorphismo

○ Nosso *Tanais* que, em quasi todos os particulares de sua estrutura, é um animal extremamente notavel, forneceu-me um segundo factu digno de menção, relativamente á theoria da origem das especies por selecção natural.

Quando estruturas em forma de mão ou de pinça occorrem nos Crustaceos, estas são em geral, mais fortemente desenvolvidas nos machos do que nas femeas, tornando-se muitas vezes maiores, nos primeiros, até dimensões verdadeiramente desproporcionadas, como já tivemos o ensejo de ver em *Melita*.

Um exemplo melhor conhecido de taes pinças gigantes, é apresentado pelos machos dos «Thesouras» (*Gelasimus*) que dizem trazer, na corrida, estas garras «elevadas, tal como se acenassem com ellas» — asserção que, no emtanto, não é verdadeira para todas as especies, tal como uma, pequena e especialmente megachela que eu vi, correndo aos milhares, nos campos de cassava, na foz do Cambriú, conservando sempre as pinças estreitamente comprimidas sobre o corpo.

Uma segunda peculiaridade dos Crustaceos machos, consiste, não raro, em um mais abundante desenvolvimento, sobre o flagello das antenas anteriores, de delicados filamentos que Spence Bate chama de «cilios auditivos» e, eu considereei serem órgãos olfactivos, como o fez Leydig antes de mim, o que contudo eu não sabia. Assim, elles formam longos e densos tufos nos machos de muitos Diastylideos, como Van Beneden tambem constata, com respeito á *Bodotria*, enquanto as femeas sómente os possuem mais escassamente. Nos Copepodes, Claus chamou a atenção sobre a differença dos sexos n'este sentido. Parece-me, como eu posso notar de passagem que, este maior desenvolvimento nos machos, é grandemente favoravel á opinião de Leydig e á minha, visto como em outros casos os machos, não raro, são guiados pelo olfacto, na procura das femeas ciosas.

Agora, no nosso *Tanais*, os jovens machos proximos á muda ultima de pelle que precede

á maturidade sexual, assemelham-se ás femeas, mas, então, elles soffrem uma importante metamorphose.

Entre outras cousas, perdem os appendices moveis da bocca, mesmo os que servem para manter a corrente respiratoria (fig. 4); o seu intestino é sempre encontrado vazio e, só parecem viver para amar. Porém, o mais notavel é que elles surgem, então, sob duas formas diversas.

Alguns (fig. 3) adquirem chelipedes poderosos, longidactilos e muito moveis e, em vez do unico filamento olfactivo da fema, mostram 12 á 17 d'esses or-

gãos, os quaes ficam juntos em numero de 2 ou 3, sobre cada articulação do flagello. Outros (fig. 5) retêm a forma espessa e curta dos chelipedes das femeas; porém, em compensação, suas antenas (fig. 6) são providas de um numero muitissimo maior de filamentos olfactivos que, se mostram em grupos de cinco a sete.

Em primeiro lugar e antes de inquerir da sua significação, eu quero dizer uma palavra mesmo sobre este factu. Seria natural, considerar se duas especies differentes, com as femeas muito semelhantes e os machos muito diversos, não poderiam viver juntos, ou se os machos de uma especie em vez de apparecerem em duas formas frisantemente definidas, não poderiam ser variaveis, senão dentro de limites muito amplos. Não posso admittir nenhuma destas supposi-

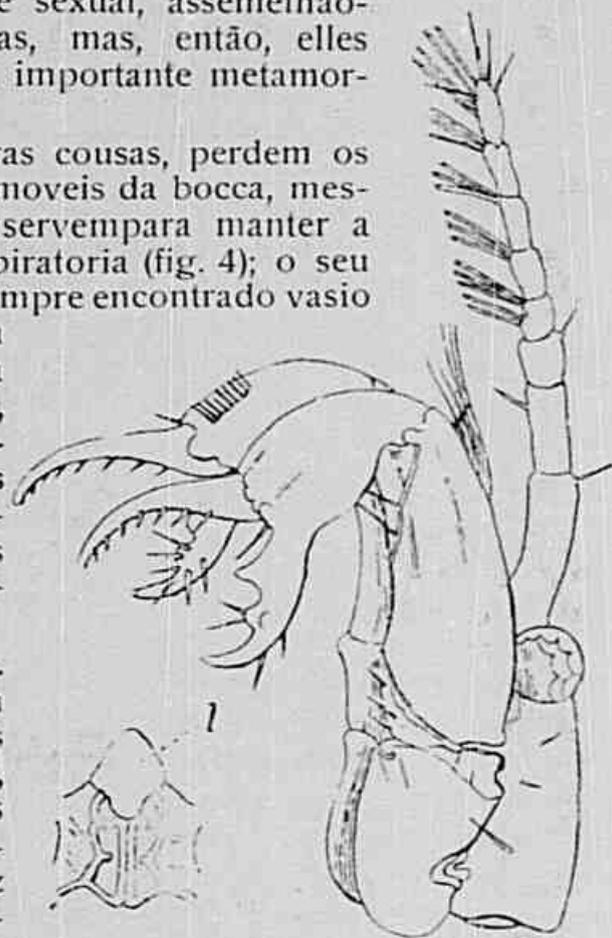


Fig. 3—Cabeça da forma commum de *Tanais dubius* (1) Kr. X 90. As cerdas terminaes do segundo par de antenas se projectam do meio das patas cheliferas.

Fig. 4—Bocca de *Tanais dubius* (1) Kr.; 1-labrum.



Fig. 5—Cabeça da forma mais rara de macho do *Tanais dubius* (1) Kr. X 25.



Fig. 6—Flagellum da forma mais rara de macho de *Tanais dubius* (1) Kr. X 90.

ções. O nosso *Tanais* vive dentro de confervas densamente entrelaçadas que, formam um revestimento de cerca de uma pollegada de espessura, sobre as pedras visinhas das praias. Se um punhado deste verde feltro é collocado dentro de um vidro com agua do mar limpa, ver-se-ha as paredes do vaso immediatamente cobertas, por centenas senão milhares, d'este pequeno, roliço e esbranquiçado Isopode. D'esta maneira examinei milhares d'elles com uma simples lente, assim como muitas centenas com o microscopio, sem achar diferença alguma entre as femeas ou, qualquer forma intermediaria entre as duas formas de machos.

Para a velha escola, esta occurrencia das duas formas de machos, pareceria ser, méramente, uma questão de curiosidade. Para os que encaram o «plano de criação» como a «concepção livre de um intellecto Todo-Poderoso, amadurecida nos pensamentos do ultimo, antes de ser manifestada em formas palpaveis, externas», seria um méro *capricho* do Creador, visto como ella é inexplicavel, tanto do ponto de vista de adaptação pratica, como do «plano typico de estructura».

Do lado da theoria de Darwín, ao contrario, este facto adquire sentido e significação; e manifesta-se, em troco, apropriado á derramar luz sobre uma questão em que, Bronn vio «a primeira e a mais material objecção, contra a nova theoria» isto é, como é possivel, do accumulo, em varios sentidos, das mais ligeiras variações, procedentes umas das outras, a producção de variedades e especies que, partem da forma primaria tão clara e frisantemente, como a folha peciolada de uma dicotyledonea; e não se amalgamam á forma primaria e entre si, como os lobos irregulares e retorcidos de um Lichen foliaceo.

Supponhamos que os machos do nosso *Tanais*, até aqui identicos em estructura, começassem á variar em todas as direcções, como Bronn pensa, indefinidamente. Se a especie estava adaptada á sua condição de existencia, se o *melhor* á este respeito havia sido attingido e, garantido, por selecção natural, as variações novas, affectando a especie como uma especie, seriam retrogradações e, assim, não haveria perspectiva de predominancia. Deveriam, antes, desaparecer outra vez, assim como se haviam elevado; e os rões ficariam abertos aos machos variantes, sómento no sentido das suas relações sexuaes. N'estas, elles poderiam adquirir vantagens sobre os seus rivaes, quando fossem capazes, quer de procurar, quer de melhor subjugar as femeas. O melhor farejador venceria todos os que lhes fossem inferiores n'este respeito, ao menos que os ultimos tivessem outras van-

tagens, taes como chelipedes mais poderosos, para lhes oppor. Os providos de melhores chelipedes, sobrepujariam todos os campeões menos fortemente armados, á menos que estes lhes oppusessem alguma outra vantagem, tal como sentidos mais desenvolvidos. De tal modo comprehender-se-ha facilmente, como todos os estados intermediarios menos favorecidos no desenvolvimento de filamentos olfactivos ou de chelipedes, deveriam desaparecer das listas e duas formas frisantemente definidas, os mais aperfeçoadamente farejadores e armados, deveriam permanecer como os unicos adversarios. Até o presente, o combate parece ter se decidido em favor dos ultimos, pois que elles occorrem em numero grandemente preponderante, talvez de uma centena para cada farejador.

Voltando á objecção de Bronn. Quando elle diz que «para base da theoria Darwinista e á fim de explicar porque muitas especies não coalescem por meio de formas intermediarias, quereria, com todo o prazer, descobrir algum principio externo ou interno que, podesse compellir as variações de cada especie, á progredir n'uma direcção, em vez de méramente permittir-as em todas as direcções», podemos, n'este como em muitos outros casos, encontrar tal principio, no facto de que actualmente só permanecem abertas poucas direcções, nas quaes as variações são ao mesmo tempo aperfeçoamentos e nas quaes, por isso, ellas podem se accumular e se tornar fixas; emquanto que em todas as outras, indifferentes ou nocivas, ellas devem sumir-se tão promptamente como vieram.

A occurrencia de duas formas de machos na mesma especie, talvez possa não ser um phenomeno muito raro, nos animaes em que os machos diffiram grandemente das femeas, em estructura. Porém, só nos que se obtem em abundancia sufficiente, será possivel chegar á convicção de que não temos, ante nós, duas especies diferentes, nem animaes de edades diversas. Por minha propria observação, ainda que não muito dilatada, posso dar um segundo exemplo. Elle se refere á um saltão da praia (*Orchestia*). O animal vive em logares pantanosos, nas proximidades

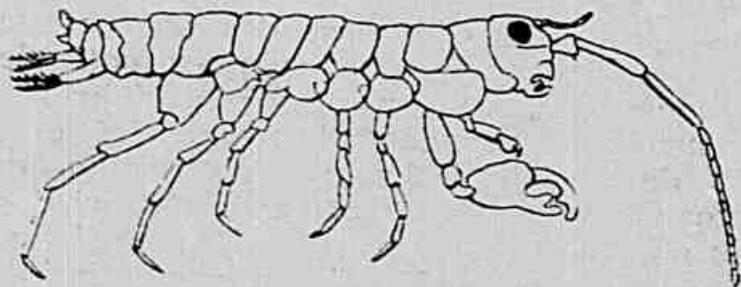


Fig. 7.—*Orchestia darwini*, n. sp.—macho.

do mar, sob folhas em decomposição, na terra solta que os carangueijos da lama (*Gelasimus*, *Sesarma*, *Cyclograpsus*, etc.) amontoam em volta da entrada das suas tócas e, também, debaixo do excremento secco, de cavallo ou de boi. Se esta especie se afasta para uma distancia maior da praia, do que a maioria dos seus congeneres (ainda que algumas d'ellas penetrem muito além pela terra firme e, mesmo, por montanhas de mil pés de altura, tal como *Orchestia tahitiensis*, *O. telluris* e *O. sylvicola*), o seu macho differe ainda mais do de todas as especies conhecidas, pelas poderosas pinças do segundo par de patas. Só a *Orchestia gryphus*, das costas arenosas de Monchgut, apresenta uma organização semelhante, porém, em um gráo muitissimo menor; em qualquer outra parte, ocorre a forma de mão commum nos Amphipodes.

Mas, ha uma differença consideravel entre os machos d'estas especies, sobretudo na estrutura das pinças, uma differença tão grande que mal podemos achar um paralelo, em qualquer outra parte, entre duas especies do genero — e ainda, como em *Tanais*, não encontramos uma longa serie de estruturas passando de uma para outra mas, sómente as duas formas sem meio termo (figs. 8 e 9). Os

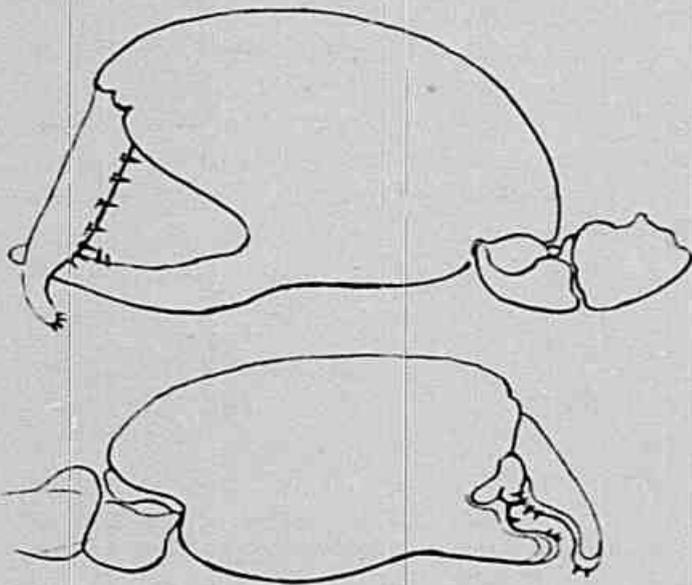


Fig. 8 e 9—As duas formas de pinças do macho de *Orchestia darwini* X 45

machos, seriam indubitavelmente considerados como pertencendo á duas especies bem definidas, se elles não vivessem no mesmo lugar, com femeas indistinctas.

O facto das duas formas de pinças dos machos occorrerem n'esta especie, é igualmente digno de nota, porque a formação das pinças que differem amplamente da estrutura ordinaria nas outras especies, indica que ella sofreu inteiramente ha pouco, mudanças consideraveis e por isso, tal phenomeno devia ser esperado antes n'ella do que em outra especie.

Não resisto ao desejo de aproveitar a oportunidade e notar que (tanto quanto resalta do catalogo de Spence Bate), para duas formas diversas de machos *Orchestia telluris* e *O. sylvicola*) que vivem juntos nas florestas da Nova-Zelandia, só é conhecida uma unica forma de femea e, aventurar a supposição de que temos aqui um caso semelhante. Não me parece verossimil que duas especies, quasi alliadas, d'estes Amphipodes sociaes, possam occorrer promiscuamente sob as mesmas condições de vida.

Como os machos de muitas especies de *Melita*, se distinguem pela poderosa pinça impar, as femeas de algumas outras do mesmo genero, são igualmente distinctas de todas dos outros Amphipodes, pela circumstancia de que, n'ellas se desenvolve um apparelho particular que facilita a sua prisão pelo macho.

As lamellas coxae do penultimo par de patas, são prolongados em processos falciformes, pelos quaes os machos ficam seguros, com as mãos do primeiro par de patas. As duas especies que eu conheço com esta estrutura, pertencem ao numero dos animaes os mais lubricos da sua ordem; mesmo as femeas carregadas de ovos em todos os estados de desenvolvimento, não raro trazem machos enlaçados. As duas especies são quasi alliadas á *Melita palmata* Leach (*Gammarus dugesii* Edwards) que, é amplamente distribuida sobre as costas europeas e tem sido frequentemente estudada; infelizmente, porém, eu não consegui saber se as femeas desta ou de outra especie europeá, possuem semelhante artificio. Em *M. ixilii* todas as lamellas coxae são da forma commum. Comtudo, seja como for, quer ellas existam em duas ou vinte especies, a occurrencia deste peculiar processo falciforme, é, certamente, muito limitada.



Fig. 10—Lamellas coxae do penultimo par de patas do macho (a) e lamella coxal com os tres segmentos seguintes do do mesmo par de patas da femea (b) de *Melita messalina* X 45

Agora, as nossas duas especies, vivem abrigadas debaixo de pedras ligeiramente encclinadas á visinhança da praia; uma d'ellas *M. messalina*, tão alto que só raramente são cobertas pela agua; a outra *Melita insatiabilis*, um pouco mais abaixo; ambas as especies vivem reunidas em numerosos enxames. Não podemos, por isso, suppor que os pares amorosos sejam ameaçados de perturbação, mais frequentemente do que os das outras especies, no caso da perda da sua Eva, não venham á encontrar uma outra. Nem ha nada mais facil

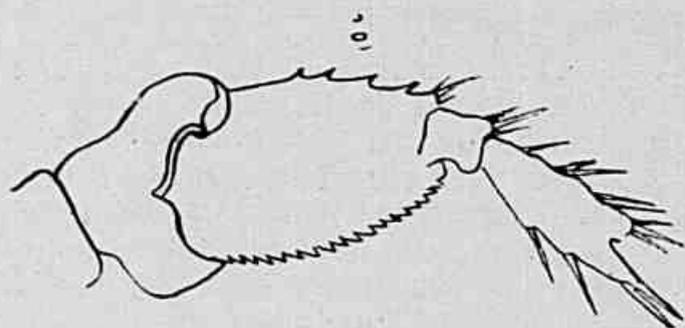


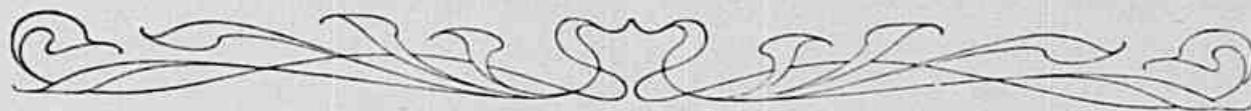
Fig. 11—Lamellas coxae do mesmo par de patas de *M. insatiabilis*.

do que ver em que o artifício, no corpo feminino, para garantir o acto amoroso, poderia ser nocivo á outra especie. Porém, enquanto não está demonstrado que as nossas especies carecem, particularmente, deste artifício ou que, o ultimo seria mais depressa nocivo do que util ás outras especies, a sua presença, sómente nestes poucos Amphipodes, terá de ser encarada, não como a obra de premeditado desejo mas, como a de um accidente, tornado uso pela selecção natural. Sob a ultima hypothese sua occurrencia isolada é intelligivel, ao contrario, não podemos perceber porque o Creador munio, só estas poucas especies, de

um aparelho que elle julgou inteiramente compativel com o «plano geral de estrutura» dos Amphipodes e, entretanto, recusou-o aos outros que vivem sob as mesmas condições externas e os egualam, ainda, na extraordinaria lascivia. Associados, ou na immediata visinhança das duas especies de *Melita*, vivem duas especies *Allorchestes*, cujos pares são encontrados mais frequentemente do que os animaes isolados; e entretanto, suas femeas não mostram o menor traço dos processos supra-mencionados, das lamellas coxae.

Este caso, penso eu, deve ser trazido em contrario a concepção defendida, com tanto talento quanto saber, por Agassiz, de que as especies são pensamentos do Creador, corporificados; e, com este, todos os exemplos similares, em que os arranjos que seriam igualmente beneficos, para todas as especies de um grupo, falem á maioria e só sejam conferidos á poucos e determinados favoritos que, não parecem precisar d'elles algo mais do que os restantes.

Fritz Muller.



Na "Serra das Antas"

E' quasi a prumo a serra alpestre. E a trilha dura,
Torta em rude espiral, transponho-a salto a salto,
Aqui se afunda o solo em cova horrenda e escura
Além se empina a pique um muro de basalto.

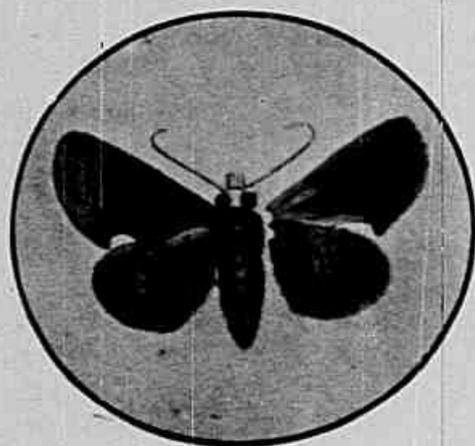
A rocha escalda ao sol. Trepou a escarpa mais alto,
Mais alto... e o pico ascendo. Em cima o céu fulgura...
E tonto, o olhar baixando ao valle, do planalto,
Recúo a arfar no horror da vertigem da altura.

E, ah! que deslumbramento! Um sussurro abrasado
Enche a varzea radiante. A passarada vôa
Na ampla gloria da luz. O vento agita as plantas.

E ermo, torvo, em cachões, reboando atropelado,
Num retumbo infernal que a bruta serra atrôa
Como passa o tufão, passa o "Rio das Antas."

Uma nova borboleta

GONODONTA MIRANDA — NOV. SPEC.



Imago—35 mill. de envergadura. Azas superiores, pardo-bronzeadas n'um triângulo antero-interno, limitado externamente por uma linha zigzagante amarello de bronze, externamente marginada de pontos ferrugineos, que divi-

de o segundo terço externo do ultimo dirigindo-se ao dente externo e depois seguida de uma zona chamalotada, de violaceo, que se estende sobre o resto da aza, tornando-se obscura sobre o angulo apical; por dentro da linha amarellada transversa, ainda se nota tinta violacea, assim como uma ou duas zebruras transversas, de um pardo-bronzado, ligeiramente mais intensas do que o colorido fundamental e que se tornam mais perceptíveis em certas incidencias. O bórdo interno n'uma faixa longitudinal que abrange as duas ultimas nervuras, é obscuro tendo as zebruras, continuação das que citamos acima (excepto uma) de um pardo obscuro muito mais intenso. Dente externo, marcado por uma virgula amarella-laranja, disposta de modo a figurar com o desenho delle

um verdadeiro ponto de interrogação. (?) Franjas enfumadas. Azas inferiores de um negro fusco com o bórdo anterior amarello, sendo que o amarello desta região projecta-se sobre a aza n'uma faixa de amarello vivo, de bórds sub-parallellos, arredondada no canto postero-externo.

Franjas claras.

Face inferior das primeiras azas, fusca com reflexos violaceos; bórdo costal, uma faixa basilar curta e bórdo posterior, amarellos. Franjas amarelladas. Cabeça, bórdo interno e apical dos palpos, face inferior do thorax e do abdomen, de côr branca mais ou menos ocracea; face superior do thorax pardo-bronzada, do abdomen cinereo-bronzada e tanto aquelle como este com reflexos violaceos.

Habitat—Rio de Janeiro (Quinta da Bôa-Vista.)

Lagarta—45 mill. de comprimento, sobre a *Carrapeta* ou *Itó*. (Guaria trichilioides)

Negro-violacea, finamente annellada de claro, tendo lateralmente duas series de maculas de um vermelho cinabrio; sobre o primeiro segmento uma faixa transversa irregular de um amarello chrômo-claro; entre as duas seguidas de maculas vermelhas, uma amarella, pequena; a superior do quarto par de maculas vermelhas, guarnecida posteriormente de amarello claro; sobre a protuberancia do antepenultimo segmento, uma nodoa cinabrina e ainda uma fina estria desta ultima côr na divisão do ultimo segmento.

Chrysalida. — 18 mill. de comprimento. Fôrma commum; de um castanho ruivo na re-

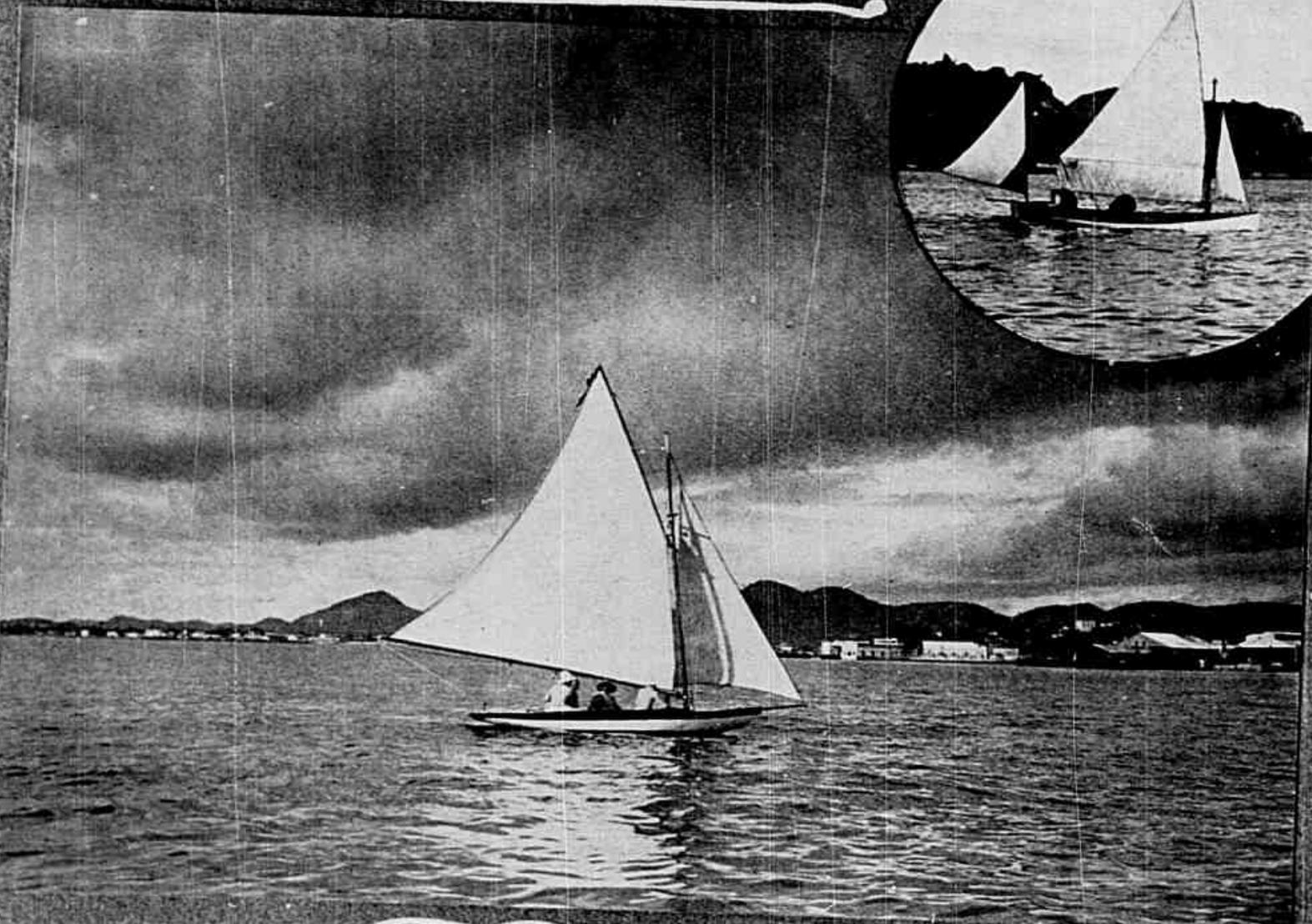
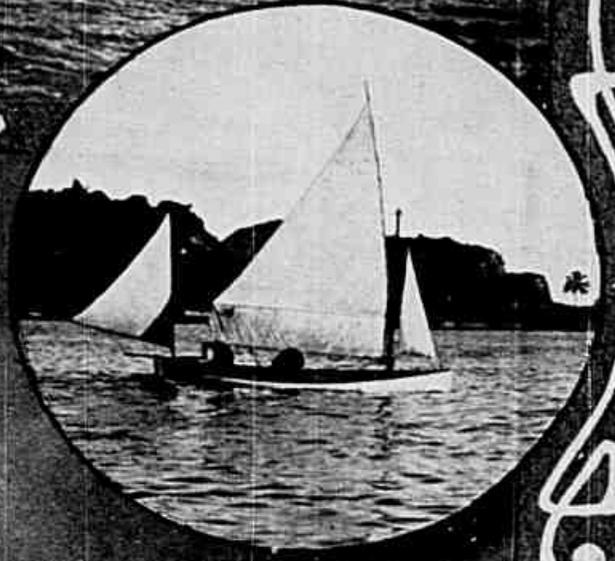
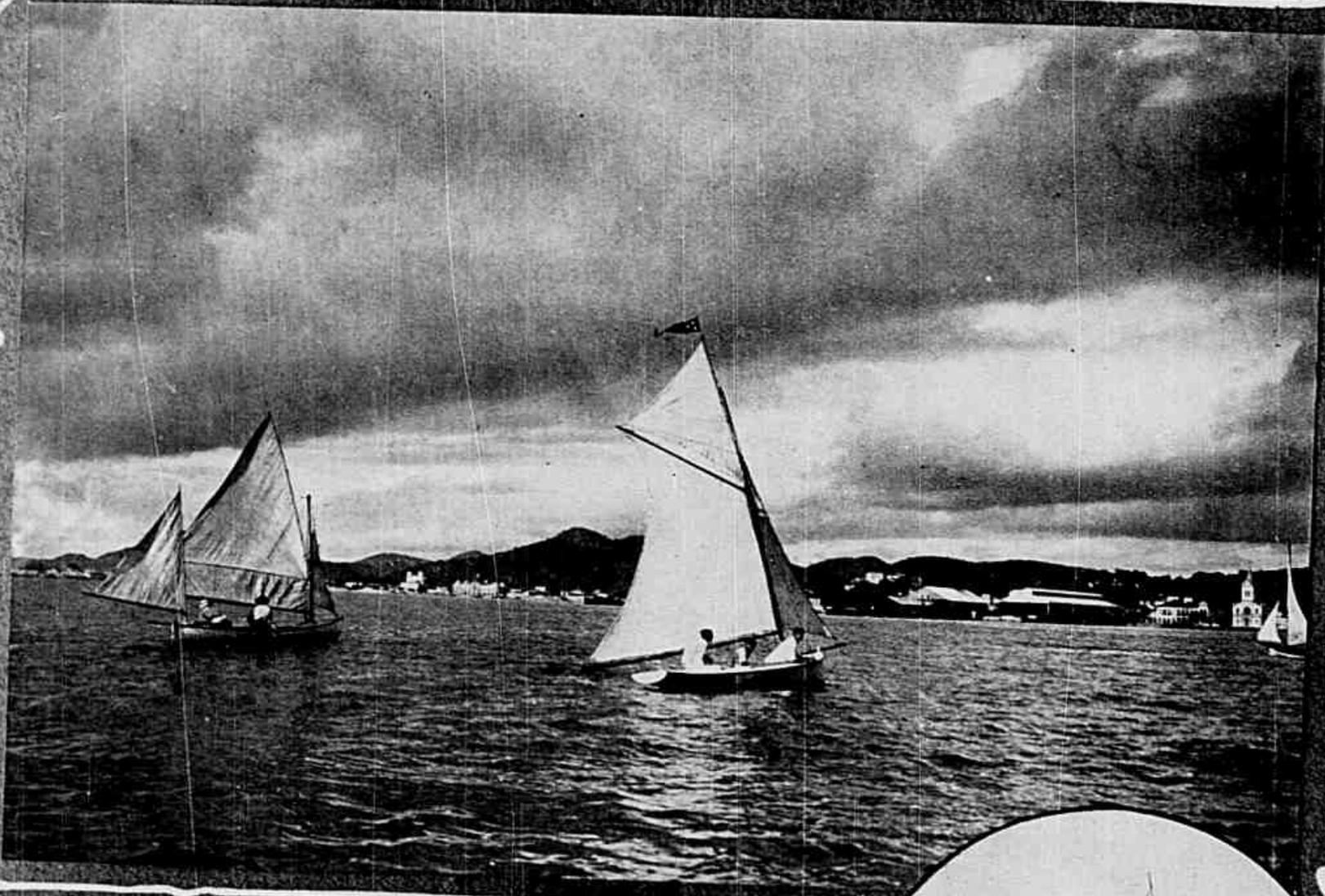


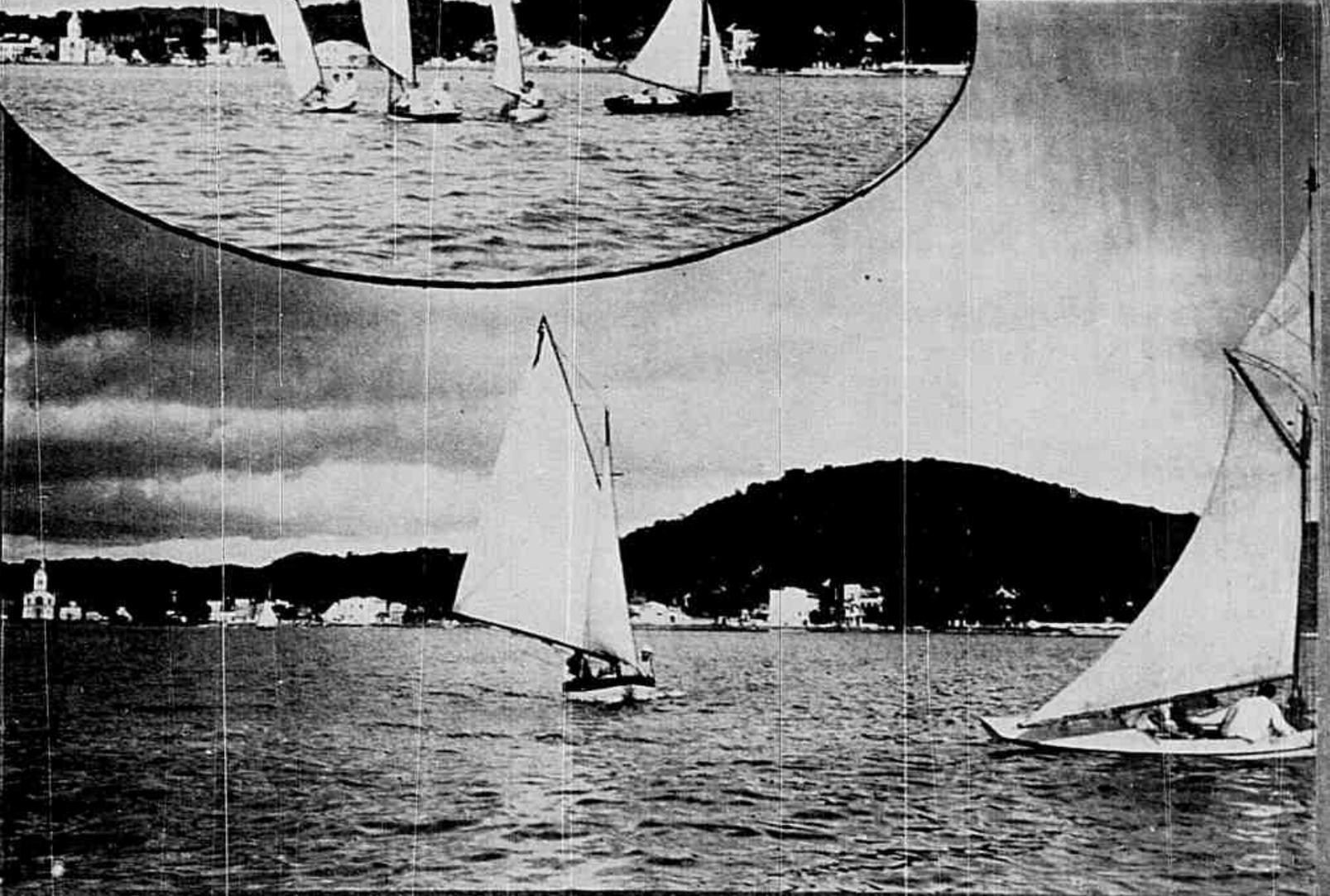
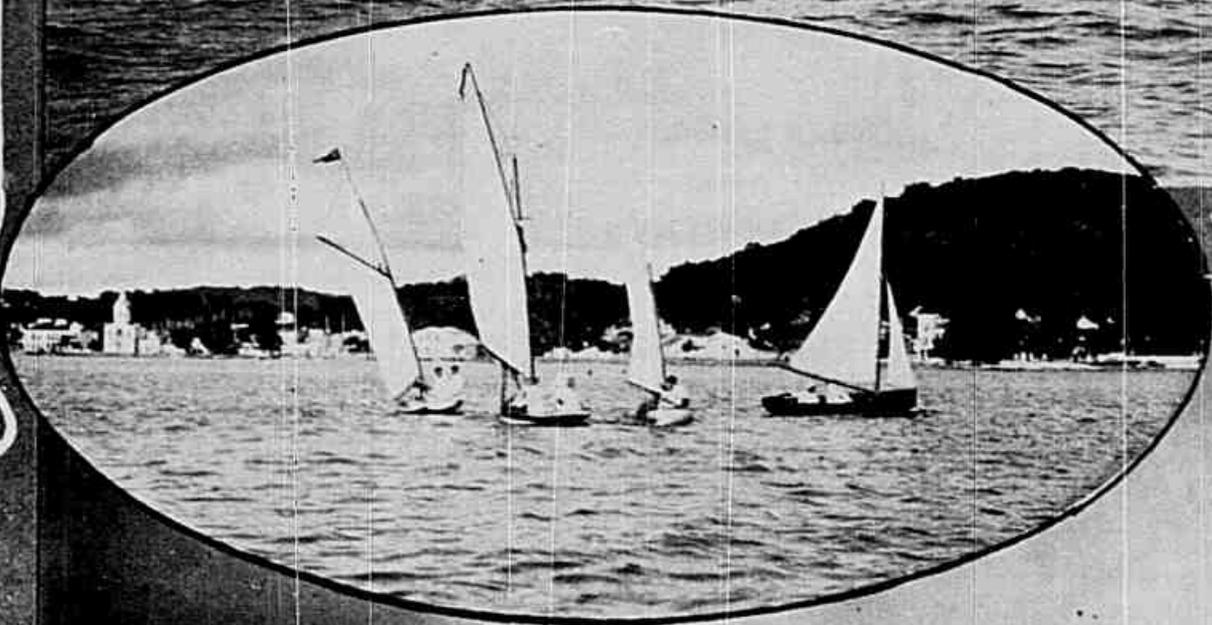
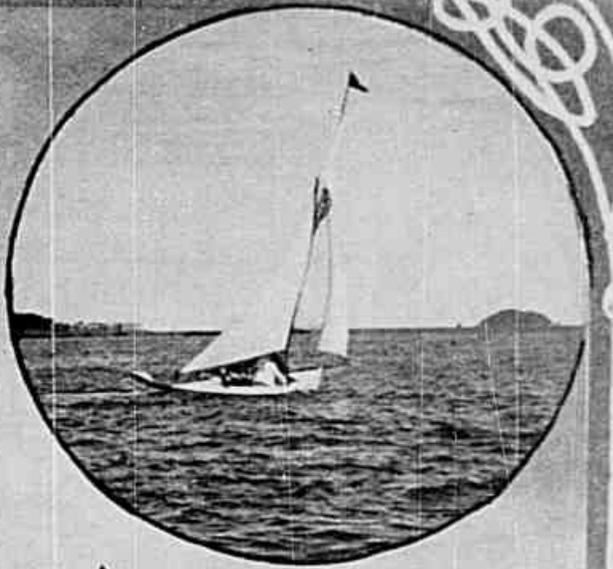
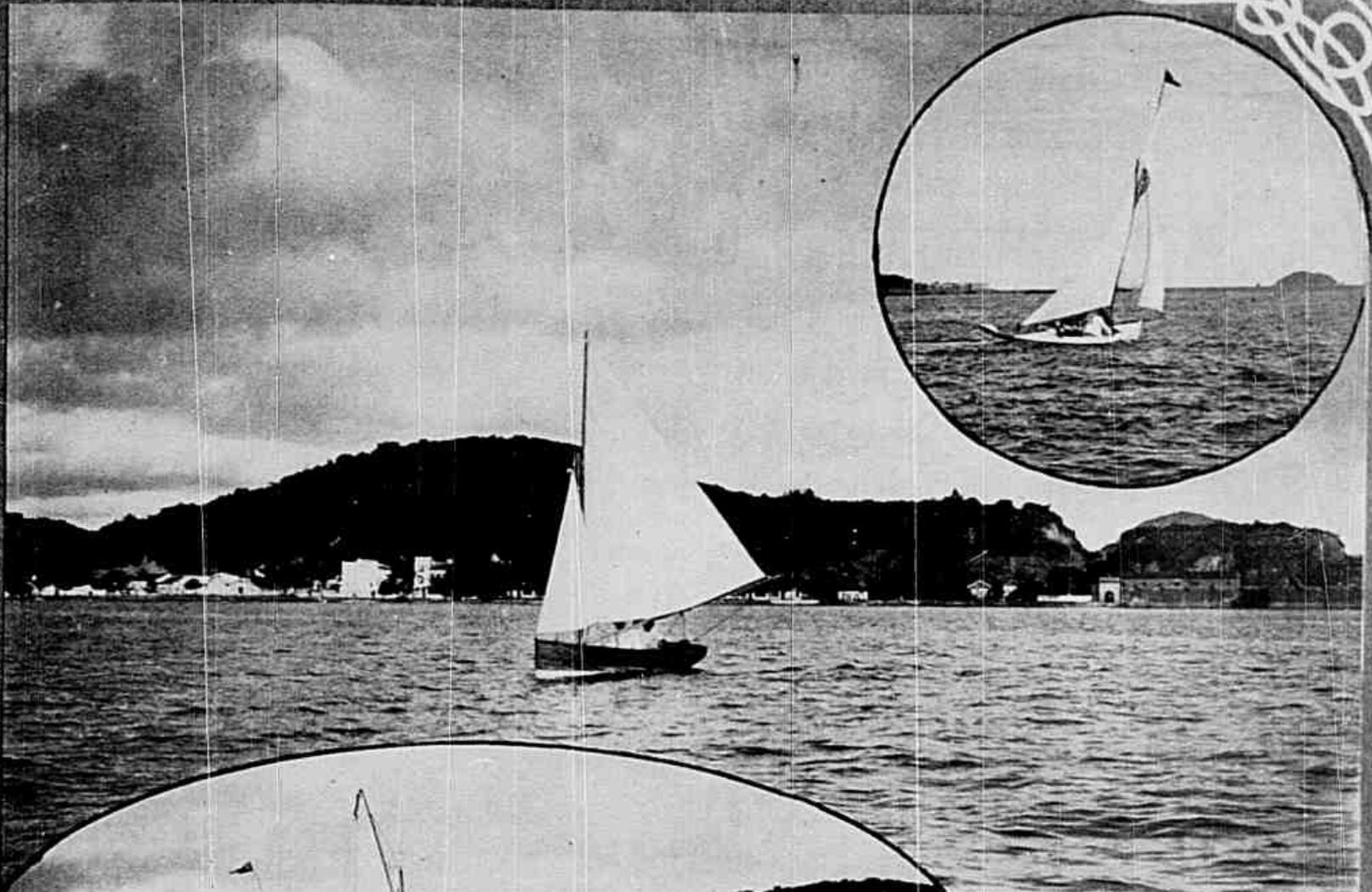
gião abdominal, mais escura na thoracica e plerygial.

Este *Lepidoptero* que acabamos de descrever sobre um individuo macho e que nos parece ser novo, devemos a gentileza do nosso excellente amigo o Sr. Alipio de Miranda Ribeiro, do Museu Nacional, distincto ichthyologo, que nos enviou a lagarta e a quem dedicamos a especie em questão como pallido testemunho de nosso agradecimento.

BENEDICTO RAYMUNDO.

YACHT-CLUB BRASILEIRO





AO VIR DO OUTOMNO

Mocidade! A canção do passaro que esvoaça,
O fremito do azul no seu deslumbramento,
O que perfuma, o que perturba, o que perpassa,
Uma estrella a cair num torvo céu nevoento...

Ondeia ao sol de Maio o oiro dos teus cabellos,
E a torrente glacial meus sonhos amortalha.
Quantas desillusões e quantos pesadellos!
Quanta melancholia ao fim desta batalha!

Para a exactica unção do luar opalescente
Sóbe da tua voz o languido nocturno,
E paira sobre mim, cabalisticamente,
O verde plenilunio, álgido, de Saturno.

Mas a tua piedade afugenta o Destino,
As tuas frageis mãos despedaçam cadeias,
De sorte que outra vez terei, moço e menino,
A aurora do meu sangue a crepitar nas veias.

Outra vez baterá meu coração esquivo,
Meu velho coração trespassado de settas,
E hei de sentil-o, vê, glorioso e redivivo,
Crucificado ao sol na eterna Dôr dos poetas!

Como te levarei pelo meu braço, dono
Dessa carne aromal, desses labios vermelhos!
E quando te posar nas palpebras o somno,
Dormirás, sorrirás, branca, sobre os meus joelhos...

Dorme e sorri! por entre as rendas da camisa,
A' doce ondulação do seio alvo e perfeito,
Subtilmente deslisa o meu ciume, deslisa
A vibora assanhada aos pés do nosso leito.

Belhas de ar... illusões... Por ti sómente brilha
A Mocidade, flôr pendendo sobre rochas,
E eu não posso voltar, mesmo de rastros, filha,
Ao cimo do vulcão onde tú desabrochas.

Pará

CELSO VIEIRA.

À BEIRA-MAR

— Lily! Lily!

E o doce nome cantava no silencio luminoso da tarde com um timbre de ouro alegre como o chilrar das andorinhas no telhado. Immediatamente uma senhora esbelta e loura, planturosa, uma *mistress* de olhos vivos e moços posto que quarentona, appareceu, descendo os degrãos da escadinha do jardim, numa casa solarenga da Pedra-Grande.

Então, na varanda, entre trepadeiras, cobrindo de um crivo verde de folhas a larga parede onde se rasgavam grandes janellas e portas a rendilhados manuelinos, uma cabeça olympica de *miss* surgiu, como uma illuminante apparição astral:

-- Espere lá, mamã!

Nesse instante um rapaz de claro, alto, forte, são, com pequeno bigode negro e amplos hombros athleticos, transpunha o vasto portão de ferro, risonho e muito escarolado.

A ingleza, que já o esperava junto a moita de rosas jaldes, na longa álea que enfiava até ao mar, alva e perfumosa, muito alegre nas leves vestes de musselina branca, o rosto e os braços rosados, apertou-lhe a mão com affecto.

E desceram ambos ao lado um do outro, a palrar, sobre o saibro claro e lavado rangendo sob as solas, até umas pedras á beira d'agua.

Ahi o mar achatava-se para todos os lados, calmo e azulado, com uma vasta rutilancia de nickel. A um canto, entre rochas altas lembrando *menhirs*, accendiam-se malhas de ouro e nacar, que levemente ondulavam. Longe, ao sul, corria uma península com massiços de verdura, arvores frondosas, palmeiras varrendo o céu na aragem. Defronte, para as bandas da terra-firme, um occaso dourado de outubro, alastrando o Azul por sobre o extenso recórte dos montes. E á sombra da costa, aqui e além cruzando as aguas, como gaivotas, vôos rasos de velas brancas...

Passos leves e um *fru-fru* roçagante abriam-se de repente na álea — e *miss* Lily chegou clara e rosada, vestida de azul-marinho, com uma cadellinha ao collo. Os cabellos cahiam-lhe do alto da grande e linda cabeça escoceza em massa ardente de juba espessa ondulante, côr de ouro como um braçado de fêno ao sol. Seus olhos celticos tinham o verde, a doçura, a transparencia e o brilho d'agua das fontes, em mattas virgens, nos prados. E seus labios magnificos onde a alvura dos dentes rutilava, attrahiam os beijos, humidos, polposos, escarlates.

O rapaz voltou-se logo, num fremito, o ar *gentleman*, saudando-a graciosamente, com um carinhoso *shakehands*. E rompeu em festas á cadellinha, a *Lucinda*, numa doce algazarra.

Lily, muito rosada e com os louros cabellos soltos como um manto de fios de ouro, ria-se alegremente em esfuziadas crystalinas...

O verão começava e tudo em redor era ineffavel. No ar limpido e transparente errava um aroma vivo e penetrante.

Sentados sobre as pedras, ao ruido das ondas espraçando-se em caricias murmurosas, batidas pela brisa do mar passando queixosamente por entre os ramos dos salgueiros e dos cedros novos do jardim, que acenavam pelas copas balouçantes para as embarcações navegando ao longe — os tres, numa palração animada, olhavam, encantados, as casas da Praia de Fóra, muito brancas no reconcavo da costa, á claridade esmaiada da tarde; as risonhas collinas do Estreito, ondulando em successivos planos de esmeralda; a pittoresca paizagem dos Coqueiros, fresca, saudosa e verde-negra, destacando sobre ouro como as linhas fugidias de um oásis. Perto, numa volta da estrada para onde desciam pastagens luxuriantes, lembrando os bizarros prados da Escocia na primavera, grupos coloridos de moças e rapazes perpassavam alegremente, na frescura littoral da paizagem...

Longo tempo alli ficaram, gozando a deliciosa illuminação do occaso.

Mas uma tinta azul-ferrête alastrava o céu, barrando os longes os primeiros pannejamentos da noite. Uma etherea melancolia baixava, alastrava-se por toda a Natureza, aviventando remotas lembranças, extinctas venturas fruidas em alados e alvoroçados instantes, na effervescencia do sangue, aos enternecimentos que estuam quando o coração polarizado ama...

Ergueram-se então, tomados de uma vaga melancolia, fixando ainda uma vez a amplidão ondulosa do mar tingindo-se de uma negrura brilhante. E, *mistress* Mag á frente, foram subindo vagarosamente para a casa, onde grandes lampadas belgas abriam já as açucenas dos seus fôcos luminosos sobre as *consoles* de bronze dourado do salão.

Mas, demorando o passo na álea, sob as frondes murmurosas e os canteiros aromados o rapaz, numa profunda vibração de affecto, carinhosamente enlaçando a Lily pela cinta delicada e bem feita, ia a beijando, beijando. Ella, vencida e cheia de languidez, reclinava-se toda sobre o seu hombro forte: e de seus labios humidos desprendiam-se, tremulas, entrecortadas e ardentes, estas palavras deliciosas:

— Meu amor!... meu amor!...

Nos degrãos da escadinha da entrada pararam um momento, arrebatados pelo esplendor do céu que se coroava todo de uma prateada florescencia de estrellas...

VIRGILIO VARZEA.

BANDEIRANTES

(EPISODIOS)

II

DEPOIS do tragico successo do Sumidouro, dispersos pelos sertões os sequases de José Dias Paes, recahiu o arrayal em sua placida vida, aguardando Fernão Dias Paes Leme os socorros mandados pedir em S. Paulo.

Chegaram elles por fim ; não da Camara e dos principaes que recusaram fazer novas despezas de aleatorio resultado ; não da Côrte, prodiga somente em promessas de recompensa ; mas da esposa do sertanista, D. Maria Betim que reduzindo a dinheiro todo o ouro e prata que em casa tinha, transformou-o em munições de que foi portadora numerosa leva de escravos seus.

Com esse reforço, moveu-se para o norte a bandeira de Fernão Dias e após inenarraveis soffrimentos chegou ao ponto indicado por Marcos de Azeredo, nas margens da lagôa Vapabuçu, onde aquelle explorador colhera as coradas pedras que enviadas á Côrte, deram origem a tantas mallogradas expedições.

Estava emfim decifrado o enigma do mysterioso sertão: farta foi a colheita das pedras verdes nos socavões da lagoa ; mas logo, como que para castigo do audacioso invasor, mortíferas febres começaram a victimar a comitiva, muitos dentre ella encontrando a morte naquellas inhospitas regiões.

Partiu a expedição fugindo ao perigo, para o sul novamente ; á vista do Sumidouro recebeu Fernão Dias, entregando a Borba Gatto o commando da bandeira, a Garcia Rodrigues confiando o encargo de fazer chegar á Côrte as pedras colhidas no Vapabuçu.

Embalsamado o corpo do sertanista, partiu Garcia Rodrigues em demanda de São Paulo, enquanto Borba Gatto, no Sumidouro, preparava mantimentos para proseguir as explorações do Sabará-buçú.

No arrayal do Paraopeba (1) a comitiva de Garcia Rodrigues encontrou-se com a numerosa expedição que, sob o commando de D. Rodrigo de Castel Branco, nomeado pela Côrte Administrador Geral das Minas, marchava para o sertão do Sabará-buçú.

Era D. Rodrigo castelhano de nascimento; vivera por algum tempo no Perú, onde trabalhára na mineração ; com a noticia das descobertas das jazidas brasileiras, passara-se a Portugal, onde se inculcando habil nas explorações, conseguira captar a confiança do Principe Regente, que lhe confiou o encargo de explorar as novas descobertas.

Fôra primeiramente ás minas de Itabaiana, que se presumiam as lendarias de Roberio Dias ; descera ao Pernaguá, cujos sertões os paulistas desbravaram até as Missões Jesuíticas.

Depois, a insistencias dos maioraes de S. Paulo, anciosos já pelas promessas da Côrte, já pelas noticias das fantasticas riquezas do Sabará-buçú, espalhadas pelos desertores da bandeira de Fernão Dias, partiu de S. Paulo a 12 de Março de 1681 com uma enorme comitiva, de que era Tenente-General Mathias Cardoso de Almeida, (2) o companheiro de Fernão Dias na primeira phase de sua expedição, Sargento-Mór Estevão Sanches de Pontes e Capitães de Infanteria entre outros João Dias Mendes e André Furtado.

Cada chefe paulista levava gente sua, e á propria custa. D. Rodrigo, a expensas da Corôa, gente do padroado régio.

Pela primeira vez usaram-se cavallos nas incursões ao sertão. Numerosas cabeças de gado vaccum acompanhavam a expedição. Não podia ser rapida, pois, a movimentação desse enorme corpo expedicionario.

Assim é que sómente em 20 de Junho chegou D. Rodrigo ao arrayal do Paraopeba.

Garcia Rodrigues recebeu amavelmente o Administrador e com sincero alvoroço os paulistas da comitiva.

Tomou conhecimento das ordens e Regimento do Administrador Geral, que o investiam de plenos poderes sobre os descobertos, entregou-lhe, manifestando-as, as pedras colhidas no Vapabuçu e deu-lhe posse dos arraiaes fundados por Fernão Dias, para celleiro das futuras expedições.

Deu-lhe noticia de que Borba Gatto, no Sumidouro, preparava-se para levar avante as explorações no Sabará-buçú, conforme as ultimas recommendações de Fernão Dias.

Com essa nova, deixando o Paraopeba, marchou apressadamente D. Rodrigo para o Sumidouro, afim de encontrar ainda o Borba para communicar-lhe as ordens que trazia.

Partira o bandeirante do arraial, acampando pouco adiante, quando chegou-lhe a nova

(1) Pedro Taques chama-o S. Pedro do Paraopeba ; outros dão-lhe o nome de Sant'Anna.

(2) Eleito pela Camara da Villa de S. Paulo para este posto e nomeado por Carta Patente de D. Rodrigo, de 28 de Janeiro de 1681.

da vinda de D. Rodrigo. Voltando sobre seus passos, foi ao encontro do Administrador Geral.

Era Borba Gatto em extremo altivo e susceptível, dessa rude raça que palmo a palmo defendeu contra os forasteiros o sertão conquistado por seu esforço, julgando-o de sua exclusiva propriedade.

D. Rodrigo, fanfarrão e gabarola por natureza, antipathico aos proprios companheiros pela desenvoltura e orgulho que em todas as occasiões manifestava, desagradou-lhe logo.

Tomando conhecimento das ordens que levava o Administrador, obtemperou-lhe Borba Gatto que, como legitimo successor de Fernão Dias, tinha, transmittidos em boa e devida fórma, os poderes que áquelle conferira em nome d'El-Rey, o Governador Furtado de Mendonça, accrescendo ainda a circumstancia de haver na ordem por D. Rodrigo apresentada, expressa recommendação de não ser exautorado Fernão Dias.

Assim pensando, Borba Gatto propôz a D. Rodrigo seguissem separadamente as bandeiras, elle para continuar as descobertas encetadas e D. Rodrigo para o sertão ainda inexplorado.

Não acquiesceu o fidalgo hespanhol á proposta, que lhe pareceu singularmente suspeita. E immobilizadas as expedicionarias levas, ganhou o Sumidouro em vida e animação com a estadia de tanto povo, embora á conta da Corôa corressem as despesas improficuamente.

Mezes se passaram assim. Por fim, vendo Borba Gatto que a nada se resolvia o castelhano, exprobou-lhe duramente o procedimento e a um tempo arremessou-lhe em rosto a indisciplina e licenciosidade das tropas no arrayal, dizendo-lhe ia representar a El-Rey contra o desbarato feito aos dinheiros da Corôa.

Dissimulando o intento de buscar uma justificativa á demora, declarou-se D. Rodrigo prompto a partir, sob a condição de fornecer-lhe Borba Gatto parte das munições e instrumentos de mineração que possuía, ao que não annuo este, declarando-lhe peremptoriamente que todo esse material havia sido adquirido á custa de Fernão Dias e não por conta do erario régio.

Profundamente irritados ficaram os companheiros de D. Rodrigo com a recusa do inflexível paulista, e em altos brados se offerceram para ir arrancar á força o que lhes era negado por bem.

Armou-se para resistir ao ataque a força de Borba Gatto, e em breve, concentrados em bandos hostis, prestes a vir ás mãos, acantoeiram-se nos dous extremos do arrayal.

Interveio prudentemente D. Rodrigo, auxiliado pelos cabos paulistas, para evitar a inútil carnagem—e propôz a Borba Gatto uma conferencia, a que comparecessem sómente acompanhados por dous pagens. Inferior em armas e pessoal, consentiu o paulista em comparecer á entrevista.

Realizou-se esta, conforme fôra combinado, em uma pequena eminencia, fôra do arrayal; —pacífica ao principio, a altaneria do fidalgo hespanhol e a susceptibilidade do paulista, romperam todas as regras de cortezia, dirigindo-se duras exprobações; e, irritadissimos separaram-se, proferindo D. Rodrigo violentas ameaças contra o sertanista e sua gente.

Tanto bastou para que os dous pagens de Borba Gatto, levando á mira os trabucos, prostrassem morto com dous tiros o infelizmente hespanhol. (3) Não satisfeitos, avançaram sobre os dous pagens de D. Rodrigo, que seriam mortos se lhes não acudisse o consternado paulista.

O ponto em que se deu esse facto até hoje conserva o nome de Alto do Fidalgo, com que a tradição recorda o primeiro sangue, que a fome sagrada do ouro ensopou terras mineiras.

Agitou-se com brados de vingança, ao saber do sinistro successo a gente de D. Rodrigo, marchando contra o bando de Borba Gatto.

Este, porém, se entrincheirara fortemente, na mesma eminencia em que se dera o lugubre desfecho, aguardando calmamente o ataque.

Critica, entretanto, era a sua posição.

Assassino de um mandatario do Rei, criminoso, portanto, de lesa-magestade, sómente a dedicação de sua gente podia garantir-lhe a salvação.

Mandou emissarios aos seus velhos amigos de S. Paulo, narrando-lhes como se dera o acontecimento de que não era culpado; e conseguiu que, acalmados os animos, elles, á frente de suas tropas, retomassem o caminho de S. Paulo, deixando no Sumidouro sómente os soldados e indios de D. Rodrigo.

Estes, apesar de desfalcados, continuaram teimosos o cêrco.

Lançou mão de um ardil o Borba para os desanimar, já que mais fraco os não podia combater a peito descoberto.

(3) Ha contradicção entre os diversos chronistas e documentos officiaes, sobre o modo porque se deu o assassinato. A consulta do Conselho Ultramarino de 29 de Abril de 1683, diz terem partido os tiros do matto, na occasião em que passava D. Rodrigo.

Nos arredores do Sumidouro, ligados a algumas tribus indigenas, viviam ainda muitos dos expulsos por Fernão Dias do Sumidouro, em virtude da conspiração de José Dias Paes. Sabendo da critica posição do Borba offereceram-lhe auxilio. Alvorçado, acceitou este a offerta, e fez constar no arrayal contrario que aguardava sómente a vinda de reforços de gente sua, que numerosa andava a explorar os sertões, para acceitar o combate.

Uma noute, occulta nas trevas, sahiu parte da gente do paulista, e atravessando as trincheiras ganhou a matta sombria.

Ao alvorecer, foram os sitiantes despertados pelo alarido de um grande grupo que se encaminhava para as trincheiras.

Acreditando que reforçado assim, Borba Gatto os destroçasse e impiedosamente os exterminasse, retiraram-se os destroços da gran-

de bandeira de D. Rodrigo, e, não querendo voltar a S. Paulo, que para muitos seria a escravidão, dispersaram-se pelos sertões, ganhando as margens do S. Francisco, onde fundaram as numerosas fazendas de gado de que provêm os immensos rebanhos que enriquecem Minas Geraes.

Borba Gatto, convencido de que para elle não haveria perdão, entranhou-se com os seus desconhecidos sertões do Rio Doce, unindo-se aos indios que hospitaleiramente o receberam, segregando-se da civilização.

Sómente muitos annos depois, perdoado e cumulado de honrarias, o vemos surgir novamente na historia das Minas, com o segredo do ouro que estas encerravam no fecundo seio.

Abril - 907.

MARIO BEHRING.

A Semana Santa

(NOTAS DO PASSADO)

O que hoje nos resta da *Semana Santa* é simplesmente um apagado debuxo, um furtivo arremedo do que ella foi ha trinta, ha cincoenta annos passados, para não irmos mais longe.

Do seu ceremonial, apenas guardamos o que a igreja pratica, mas já não é o mesmo d'outros tempos, já não tem a intensa expressão de fé, os modos e aspectos do venerandissimo culto d'antanho.

Quem ouvir contar nestes nossos rapidos dias de sarcastico materialismo as scenas da *Semana Santa* no «bom tempo» dos nossos bisavós, quando o meio-grosso Paulo Cordeiro andava em primorosas bocêtas de ouro, de prata, madreperola ou tartaruga, cuidadosamente lavradas e tão artisticas que hoje valem contos de reis nas collecções de amado-

res; nesse «bom tempo» da pitada e da anedocta piccaresca, em que para as ventas des-sorantes havia lenços de seda da India, capazes de fornecerem pannos para uma blusa de senhora da moda, não acreditará, talvez, em tanta circumspecção e tão fervoroso culto!

Pois assim foi:

Ao chegar *domingo de ramos* todo o viver se transformava.

As donas, *inganinhas, sinhás e yáyás*, logo pela manhã cedo, antes do seu temperado café com leite e bijús, cobriam as vidraças dos oratorios com cortinas de seda roxa, se tinham patacos para tanto; se não, eram cortinas de metim de côr ou, com preferencia, de linho, muito alvas e alisadas a ferro de engommar. A's sete da manhã partiam as mucambas para as egrejas, mas sob os cuidados das suas *senhòras-moças* que lhes compunham o vestuario negro, do rigor; iam buscar a *agua-benta* em jarros e garrafas, com a qual se bemziam, em nome do Padre, do Filho, do Espirito Santo, os cantos e des-



vões da casa e as pessoas nella moradoras, isso por meio de raminhos de arrudas ou de alecrim, a que a superstição africana empresta virtudes percucientes contra as manhas do Tinhoso.

De então até segunda-feira após a Ressurreição, não se cantava nem se abria o piano; cessavam os castigos aos escravos delinquentes, a vida alheia era respeitada... em suposição, e o peixe entrava no exclusivo regimen alimenticio das familias, desde as mais ricas até as mais pobres.

E de manhã á noite orava-se em casa, ou ia-se orar nas igrejas, mais ao agrado do Senhor, porque a oração seria feita na sua Casa, e não menor agrado dos crentes femininos que entremeiariam os deveres religiosos com a delicia dos mexericos, a oratoria pathética dos pregadores sacros ou olhadellas discretas do eterno namoro. Ora, o namoro!... Que mal fazia?... Namorar não offende á fé, que foi Deus quem nol-o concedeu para estabelecer a junção dos sexos necessaria á pluraridade de suas creaturas...

Mas, a verdade manda dizer que havia muita *sinhásinha* formosa tão apegada ao fervor religioso que, sem se importar com o

tic-tic do seu ardente coração, não despegava os olhos do luxuoso livro de suas rezas.

Ah!... é que naquelle tempo havia crença!

E, no entanto, que era o ardor dessa crença comparada com a de outros vinte ou quarenta annos passados?

Lá para atraz, nesses vagos tempos do lundú de *mon roi*, sim, isso é que foi crença! As lindas patricias, mais morenas que as de hoje, e senão mais tentadoras pelo menos mais sadias, desarrumavam dos seus bahús os grandes covados de seda pura dos seus vestidos negros. Cheiravam a sandalo. Em torno de suas esbeltas cinturas prendiam todo esse luxo farfallhante de fino adamascado, que as envolviam amplamente, em largo circulo isolador como uma côrte regia custodiando a sua rainha. Depois era o corpinho, comprimido ao busto, estreitando-o com amor, e consentidamente decotado para fazer a gente... desrespeitar a abstinencia da *Semana Santa*, em pensamentos.

Nisso é que concordo andar o dedo do Pé de Pato...

E então o negrume dos seus cabellos, reluzentes d'oleo de coco! e o *trépa-moleque* de tartaruga, admiravelmente cinzelado, algumas

vezes filigranado de ouro, que os prendia e ao *fichu* de renda negra!...

Eram assim formosas as nossas patricias d'aquelle tempo.

Admirae uma dellas na estampa que aqui tendes sob os olhos. E' uma scena da *Semana Santa*. A linda morena está á porta de uma igreja, onde vae assistir a cerimonia de *ramos* e, como a igreja ainda lhe não exige lagrimas sobre os pés do seu divino instituidor, a sua faceirice procura enfeites para se fazer levianamente mais... perigosa.

Só um pequenino defeito, — e vá pequenino em consideração das suas prerogativas! — se lhe podia reprochar; era o de comprar flores de papel. De papel?... Mas, os tempos, costumes...

Ora, *snobs*, deixemo-nos de censuras descabidas. Cada época tem os seus usos.

Nesse tempo a *Semana Santa* recommendava-se pela extensão do seu culto, a que a inconsciente irreverencia popular, chamava sacrilegamente — *festas*. E eram, na verdade, festas; porque se as recebia com a commoção do prazer.

De em torno tres leguas desta cidade, e ás vezes de mais longe, famílias inteiras vinham assistir os actos da Paixão, aqui celebrados com uma pompa quasi sevillhana. A vinda dessas famílias, é preciso que se nóte, só por si constituia um acontecimento. Como se sabe nem a locomotiva nem muito menos o automovel faziam parte dos inventos da humanidade, ainda bem reduzidos. As conduções, isto é, o melhor systema de viação, eram os carros de boi e a falúa para os jornadaeiros do interior por estradas ou vias fluviaes, e as séges, as cadeirinhas, as carroças de um animal para a gente da cidade. Quando uma familia deslocava-se do Irajá ou de Itaguahy, de Magé ou Sant'Anna de Macacú, para vir á capital, fazia um reboiço de exodo, armava uma caravana pittoresca e infindavel. Em primeiro lugar vinham os *caçúlas* com as amas, depois os pimpolhos da *segunda camada* e, em seguida, os da primeira, que orçavam geralmente pelos treze aos desesseis annos. Guardando-os a todos, e com o justo orgulho dos conscientes que cumprem seus deveres, obedecem as auctoridades e temem a Deus, vinham os paes, rotundos, anchos da sua larga existencia pacata e fecunda. Seguiam-lhe as *crias* de estimação, essas transformadas em pagens, com os balaios dos utensilios domesticos, e as mucambas com as trouxas das roupas e os presentinhos da hospedagem, latinhas de bijús mimosos e pipocas, vidros de malaguêtas, e alguns ramos de hervas medicinaes para os

semicupios dos compadres quando os humores os pungissem.

Não se vá pensar, desastradamente, que toda a generosidade da familia visitante se limitava a essas pequenas coisas. Não, senhores. Antes delles, ás vezes mais atrazados os criolos de confiança augmentavam o carregamento dos saccos de carás, dos boiões de melado, dos feixes de canna doce e dos palmitos, das latas de goiabada e das *capoeiras de criação*, nada menos que uma duzia de escolhidas gallinhas e dois perús de roda boa.

Então, que pensam os senhores? Toda essa caravana vinha se aboletar em casa dos compadres, ainda mesmo que não tivessem chacaras, senão um simples quintal de prèdio no coração da cidade, e havia de trazer, como diz o vulgo, «uma das mãos atraz e outra adiante?» Não vê! N'aquelles tempos tudo andava muito certinho nos seus eixos.

E era pela *Semana Santa* que essas caravanas mais enchiam as ruas da capital.

Louvemol-as no seu gosto, porque as *festas* da Paixão tinham uma solemnidade digna de se ver.

As cerimoniaes começavam no *domingo de ramos*. Em S. Francisco de Paula, no Carmo, no Bom Jesus, Candelaria, S. Pedro, S. Francisco da Penitencia, Boa Morte e S. Bento as missas eram solemnes, obedecendo a todo o ritual catholico. As igrejas ficavam apinhadas de fieis. Distribuuiam-se ramos e palmas bentas. A palma servia para afugentar o Demo e combater sezões, para livrar do raio em casa, annullar *mandingas* e até para curar furunculculos!

Ah! e que alegria nesses *domingos de ramos* dos nossos antepassados!

O povo sahia á rua. Por toda a parte guinchavam buzinas de palha, alegremente. *Bahianas*, de redondos vestidos negros, anguas rendadas e cabeções de crivo em algodão clarissimo, mercavam doces em taboleiros enfeitados de coloridos papeis rendilhados a capricho. A cidade animava-se, e não mais descansava.

A quarta-feira de trevas impressionava com as suas matracas batidas, lugubrememente, nas ruasitas mal illuminadas. Sentia-se no ambiente o cheiro religioso d'alfazema, do incenso e da cêta derretida. Em todos os templos havia o *sermão de lagrimas* pregado por notaveis oradores da tribuna sagrada. Vinha depois a quinta-feira d'endoenças com os lava pés. Nos melhores tempos do reinado do Sr D. Pedro II essa cerimonia tornou-se famosa. O monarcha, em pessoa, por suas proprias mãos, molhava e enxugava os pés de doze pobres, na Capella Imperial, hoje cathedral do



arcebispado. Comovia. Muita gente sahia do templo meditando na profunda significação do symbolo. E' provavel que, durante minutos, talvez horas, houvesse quem sentisse a edificante humildade do acto...

Outros, porem, sem duvida em maior numero, retiravam-se impressionados com a rutilação da prataria das baixelas expostas, sob a guarda de soldados convenientemente armados. E isso fazia a maioria dos templos, sendo mais notaveis as baixelas da Capella Imperial e da egreja do Carmo.

Com essa exposição concorriam os presepes. Ao principio faziam-os em casas particulares e numa ou outra egreja. A do Livramento, por exemplo, nos tempos coloniaes, attrahia innumerous visitantes pelo arranjo dos seus presepes, feitos pelo pintor Raymundo da Costa e Silva. Depois fizeram-os em outras egrejas. Armavam-os segundo a fantasia de cada um; em alguns punham repuxos de *Agua Florida*, n'outros montanhas perfuradas de tuneis, comboios a vapor, anachronicas figuras a fingir de judeus da época de Poncius Pilatos.

A fantasia excedeu-se. Toda a casta de ornamento entrou a compôr o scenario. Os mais

bem avisados templos substituiam os presepes pela exposição do *Senhor morto*, cujo corpo cobriam de tunica de seda rôxa semeiada de lantejoulas. E diante do filho de Deus, a lhe beijar a testa, a lhe babujar os pés, arrastava-se a immensa multidão dos crentes. Ao lado do ataúde santissimo, aberto no altar-mór, havia bandejas de prata para o recebimento das *esmolas*. Os pobres punham um pataco para trocal-o pelo vintem ou dez réis, porque esse troco dar-lhes-ia felicidade.

Mas o dia maior da *Semana Santa* antiga era a sexta-feira, chamada da paixão.

Na tarde desse dia faziam a procissão do Senhor dos Passos.

A procissão, uma das maiores depois da de *Corpus Christi*, resumia a cerimonia da semana. Todas as *irmandades* concorriam para a sua grandeza, e cada qual procura sobresahir pela quantidade e riqueza dos anjinhos, petizes caracterisados de cherubins, em filões e lhamas sobrecarregados de galões dourados, azas brancas pegadas nos hombros, tremelicantes plumas ou vistosos capacetes a lhes pesarem nas cabecitas quasi nullas sob a immensidade dos cachos louros ou negros das cabelleiras postiças. Tres sujeitos disfarçados em mulheres

representavam as tres Marias do Calvario, as quaes o povo denominava de *Behùs* porque *ellas*, em mesuras caricatas, vinham a se permutarem exclamações de uma difficilima traducção, que se resumiam na expressão melopeica de *-be-hús!* Sob seus passos e a admiração popular appareciam os centuriões romanos, que a fantasia dos organisadores do prestito armava de enormes barbas não contente de os ter armado de feixes d'armas. Eram seis latagões, muito compenetrados do seu papel e horriveis nas suas barbaças de mata-mouros. Após desfilavam os andores, e entre esses e o do *Senhor dos Passos*, despertava admiração o *anjo cantor*, uma rapariga nem sempre cantora, porque não raro a sua voz enrouquecia na terceira *parada* a que a obrigavam pelas ruas. Traziam-lhe uma escadinha terminada em estrado, ella subia a essa plataforma e d'ahi cantava, si podia cantar! Em compensação davam-lhe um grande manto de velludo azul bordado d'estrellas d'ouro, umas enormes azas brancas e um capacete de latão amarello polido. A isso reuniam europeis e suciras em profusam, que a ingenuidade do povo julgava joias de subido valor.

Fechava a procissão o pallio, sob o qual o bispo da diocese conduzia a custodia. O Sr. D. Pedro II costumava carregar uma das varas desse pallio, ajudado por seus camaristas e dignatarios do Imperio.

Em guarda á procissão marchava um dos batalhões da guarda nacional, nos seus vistosos uniformes de gala, e barretinas ás costas. Durante muitos annos essa procissão manteve as suas tradições até que, pouco a pouco, foi perdendo o brilho do seu apparato e parece ter desaparecido para sempre. Se não appareceu já não causa o successo de outros tempos.

A tristeza da sexta-feira santa, isto é, a sua cerimonia procissional, recordando a noite do Calvario, era compensada pelo sabbado de alleluia.

Outr'ora e por largo tempo foi uso commemorar-se o castigo de Judas Ischariotes com uns *calungas* de molambos e palha secca que se atavam ás arvores, em chacaras, nas ruas e praças publicas. Ao primeiro badalar

d'alleluia a garotada punha fogo a esses bonecos, em cujos ventres mettiam bichas chinezas e busca-pés.

Os bonecos ardiam. Nos seus ventres estouravam as bichas e esfuziavam os foguetes. Então descidos dos galhos, presos por cordas que os arrastavam pelo chão, fumegantes e estourantes, lá se iam entre assuadas, apedrejados e esbordoados, até ficarem reduzidos a cinzas e farrapos.

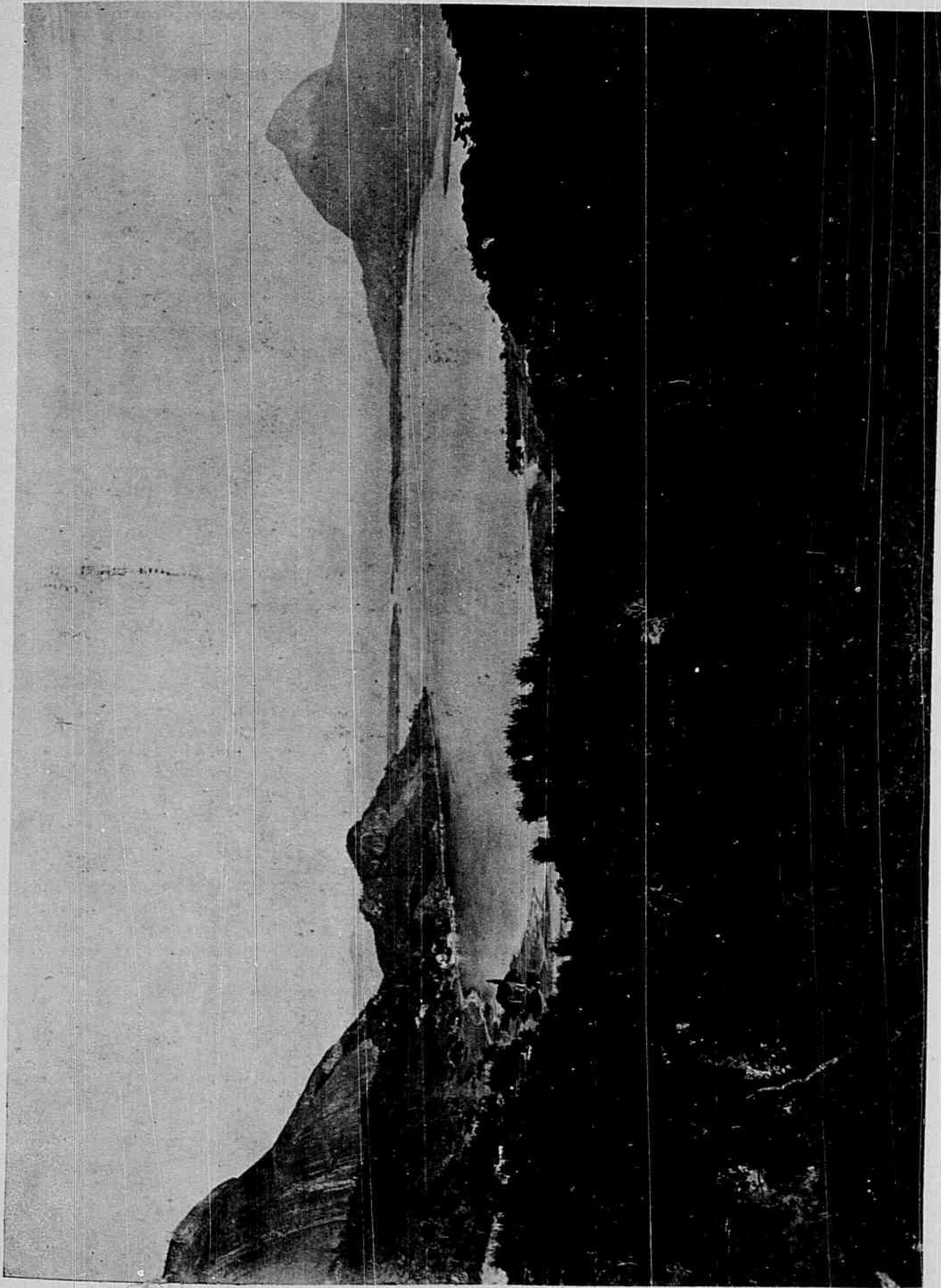
Uma vez, já em annos da nossa época, um desses bonecos foi causa de tragico acontecimento. Estava a esposa de um medico a vêr da janella da sua casa, a exterminação de um *Judas*, quando faiscas que vieram delle cahiram sobre o leve tecido que a vestia, e promptamente o incendiaram. Aos gritos da senhora accudiram pessoas de casa e visinhos, mas não a tempo de a livrar das queimaduras de que veiu a fallecer dias depois.

Este facto levou a policia a prohibir esse habito, que os novos costumes foram esquecendo, como esqueceram, se bem que por persistente repressão policial, dos *judas-pamphletos* ou *pasquins*.

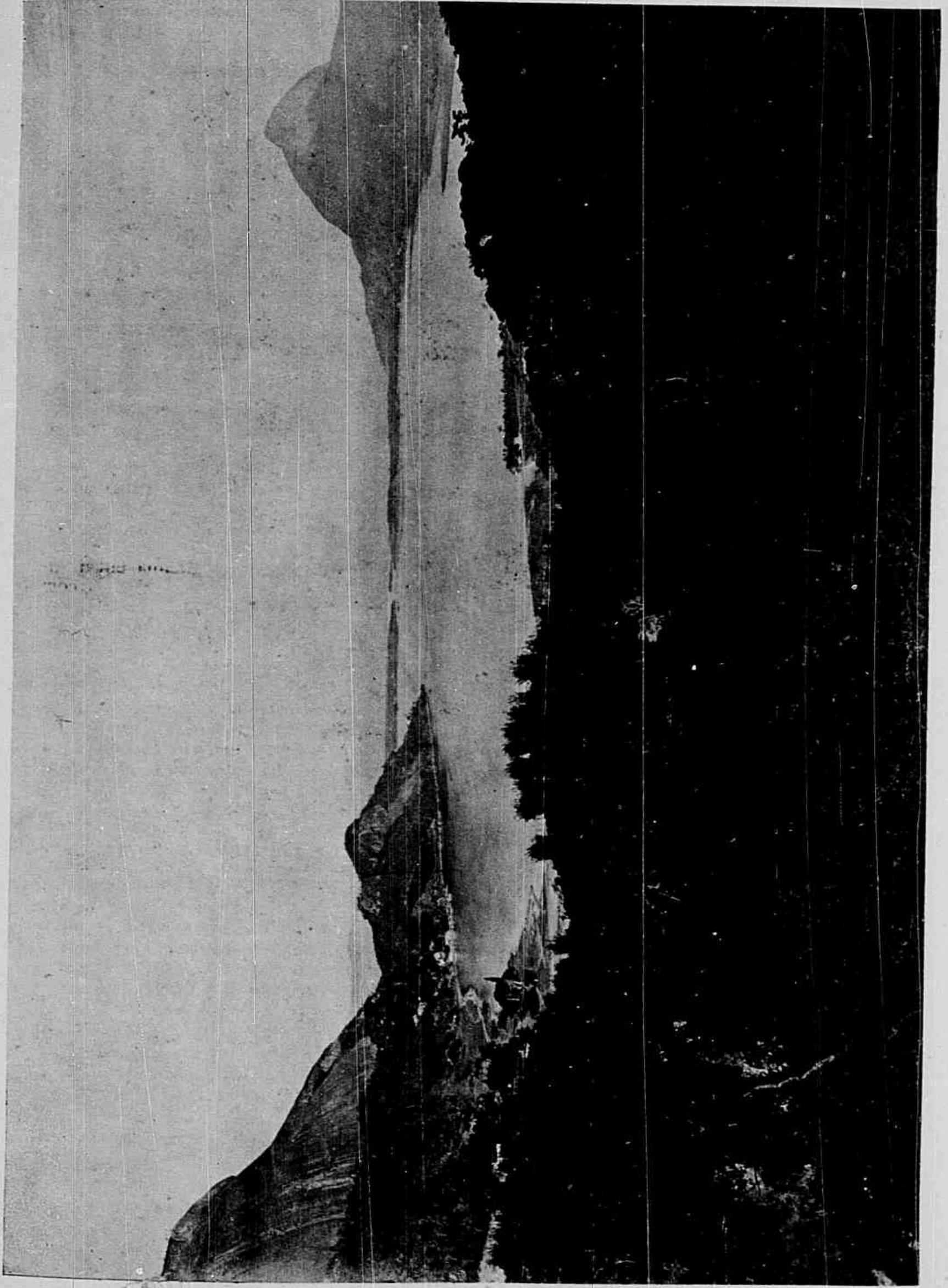
Em todos os sabbados d'alleluia enxameavam as ruas desta cidade uns jornalécicos, com diversos titulos, taes como *Judas de Casaca*, *Judas de Batina*, *Judas do Quarteirão* e outros, que, ultrapassando a licença das pilherias grossas, enxovalhavam a vida privada de quantos, reputados ou obscuros, cahiam no desagrado dos rabiscadores de taes pasquins. A maneira porque eram redigidos esses jornalécicos offendiam a moral publica e era um dos muitos testemunhos da nossa desbragada licenciosidade de costumes. Deve-se dizer, porém, a bem da verdade, que esse abuso se vulgarisou e tornou corpo em dias da nossa era. Os nossos antepassados talvez não o conheceram, porque, para elles, a *Semana Santa* era uma *feira*, mas na qual o nome de Jesus andava em todas as mentes recordando a edificante humildade do seu viver e a grandeza de devotamento do seu sacrificio.

Março de 1907

AMERICO FLUMINENSE.



LAGOÁ RODRIGO DE FREITAS — RIO DE JANEIRO



LAGOA RODRIGO DE FREITAS - RIO DE JANEIRO

Phot. Malta

EM PUBLICAÇÃO

Conferencias Litterarias
Medeiros e Albuquerque

No Extremo Oriente
Cap. Moreira Guimarães

Com muitas illustrações.

Edição de grande luxo.

PEDIDOS:

J. SCHMIDT

RUA DA ASSEMBLÉA N. 62

RIO DE JANEIRO



Fabrica : 56, Rue de Bondy, PARIS

Envia-se franco o Catalogo

VENDE-SE EM CASA DOS NOSSOS REPRESENTANTES :
Srs. LEVY IRMAOS & C^a, em *Pelotas*.
Sr. ISIDORO MARX, em *Porto-Alegre*.

E NOS PRINCIPAES BAZARES.

A Equitativa

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A
† † VIDA — TERRESTRES E MARITIMOS † †

Apolices Sorteaveis em Dinheiro em Vida do Segurado

*Os sorteios d'esta classe de apolices teem lugar em 15 de Abril e
15 de Outubro de cada anno.*

A Equitativa tem sorteado, desde a instituição d'esta classe de
seguros, apolices no valor de Rs. 595:000\$00 pagos em dinheiro

A apolice de sorteio EM DINHEIRO, de
exclusiva invenção da A EQUITATIVA, é a ultima palavra em Seguro de Vida

TODOS OS SORTEIOS SÃO PUBLICOS

O proximo sorteio terá lugar a 15 de Outubro p. f.

TABELLAS E PROSPECTOS EM SUA SÉDE

125, Avenida Central, 125

RIO DE JANEIRO

E em suas agencias e filiaes em todos os Estados da União e na Europa

L. MUSSO & C.

PHOTOGRAPHS

10 — Rua da Urugayana — 10

RIO DE JANEIRO

Ultima Novidade Photographica
Retratos em côres (Monocromos)
de bellissimo effeito e inalteraveis.

COMPANHIA MINERVA

SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

DEPOSITO NO THESOURO FEDERAL — 200:000\$000

Rua 1º de Março, 29 — RIO DE JANEIRO



DIRECTORIA

Emilio do Amaral Ribeiro
Affonso Burlamaqui
Jacinto de Magalhães

